
Villa romana da Quinta das Longas (Elvas, Portugal): a lixeira baixo-imperial

MARIA JOSÉ DE ALMEIDA*
ANTÓNIO CARVALHO**

R E S U M O

Dão-se a conhecer os resultados da escavação de uma lixeira identificada no decurso da intervenção arqueológica na *uilla* romana da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas, Portugal) numa perspectiva de caracterização paleo-económica da ocupação baixo-imperial (século IV/V). Trata-se de um ambiente estratigráfico perfeitamente individualizado, selado pelo derrube da cobertura das construções da fase final de ocupação da *uilla*. Enquadrando esta lixeira na leitura crono-estratigráfica do sítio, apresenta-se o conjunto de materiais arqueológicos exumados, analisados do ponto de vista funcional. Assim, os artefactos da lixeira são agrupados em categorias funcionais: transportar/armazenar, preparar/cozinhar, servir/comer, iluminar e outros usos de expressão residual. As questões de interpretação cronológica deste contexto são apresentadas a partir dos artefactos recolhidos, com especial destaque para as produções anfóricas, recipientes em *terra sigillata* e numismas. Procura-se assim traçar um quadro representativo do quotidiano baixo-imperial da *pars urbana* da *uilla* da Quinta das Longas nos aspectos potenciados por um contexto de lixeira, nomeadamente no que diz respeito à caracterização dos consumos alimentares e gestos a eles associados. Através deste estudo pretende-se igualmente integrar o sítio arqueológico no seu contexto económico local e regional, o que se afirma como um dos principais objectivos do projecto de estudo em que esta intervenção arqueológica se insere.

A B S T R A C T

The paper presents the results of a dig on a garbage dump identified within the course of an archeological intervention at the Roman *uilla* of the Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas, Portugal) with a view to establishing the paleo-economic characterisation of the lower imperial occupation 4th/5th centuries. It is a perfectly individualized stratigraphic environment, sealed by the toppling of the covering of the final phase occupation structures of the *uilla*. In order to place this garbage dump within the chrono-stratigraphic reading of the location, a set of exhumed archeological materials are presented and analyzed from the functional perspective. The garbage dump artifacts are thus grouped into functional categories: transport/storage, preparation/cooking, serving/eating, lighting and other uses of residual expression. Issues regarding chronological interpretation of

this context are presented on the basis of the artifacts gathered with special focus on amphoric productions, *terra sigillata* recipients and coins. The aim is thus to trace a representative image of the day to day of the lower imperial *pars urbana* of the *uilla* of the Quinta das Longas from the details analyzed within the garbage dump context, namely as regards the characterization of the eating habits and associated gestures. Through this study we also aim to place the archeological site within its economic, local and regional context, this being one of the major objectives of the research project of which this archeological intervention is a part.

1. Questões prévias¹

O conjunto de materiais que apresentamos foi seleccionado a partir de três ideias fundamentais. Tratam-se de materiais provenientes de uma lixeira, que constitui uma unidade estratigráfica perfeitamente individualizada do ponto de vista espacial. Esta individualidade resulta das condições de deposição, já que a lixeira foi selada pelo derrube das paredes e do telhado do *triclinium* de verão (sala de tripla abside). Durante as primeiras cinco campanhas de trabalhos no sítio arqueológico da Quinta das Longas foi possível escavar na íntegra essa realidade, que pode assim ser objecto de uma análise individual, ainda que enquadrada na leitura possível neste momento fora do âmbito de uma monografia final².

O presente conjunto corresponde ao momento terminal da ocupação da *uilla* em época romana. O estudo destes materiais arqueológicos permite-nos não só situar cronologicamente esse momento no Baixo-Império como caracterizá-lo do ponto de vista paleo-económico, dadas as potencialidades de informação apresentadas por um contexto de lixeira. Neste mesmo volume, é publicado, por J.L. Cardoso e C. Detry, o estudo do espólio arqueozoológico recolhido, que complementa esta leitura no que diz respeito à exploração/produção de recursos faunísticos e aos hábitos alimentares dos habitantes da *uilla* romana da Quinta das Longas, na sua última fase de ocupação.

Por último, conscientes que estamos do panorama das limitações de investigação arqueológica portuguesa neste domínio, julgamos que este contributo de estudo se reveste de alguma oportunidade. Estes contextos de lixeira, que não estarão certamente ausentes das realidades arqueológicas identificadas durante as escavações, não têm sido objecto de estudos sistemáticos do material arqueológico neles exumados, optando-se muitas vezes apenas pela publicação dos exemplares artefactuais “mais significativos”, com toda a ambiguidade que esta expressão encerra, sem a complementar análise contextual.

No presente estudo, são apresentados todos os materiais arqueológicos que podem ser directamente relacionados com o contexto da lixeira baixo-imperial. Embora a lixeira possa ser claramente individualizada do ponto de vista estratigráfico, como discutiremos adiante, da sua escavação resultam dois conjuntos distintos de materiais que vão ser excluídos da presente análise.

O primeiro destes conjuntos é constituído pelos materiais de construção associados ao derrube [26] que cobria a lixeira [52]. Este derrube representa o momento de derrocada da cobertura do *triclinium* de verão, não estando directamente relacionado com o momento de utilização da lixeira mas com a sua fase de abandono. Assim, foram excluídos todos os materiais de construção (cerâmicos e metálicos) recolhidos no desmonte da u.e [26], considerando apenas os provenientes da escavação da u.e. [52]. Contudo, alguns destes últimos poderão corresponder ao derrube, já que a contaminação estratigráfica entre estas duas unidades é evidente. Muitos dos

recipientes cerâmicos que apresentamos, são reconstituídos a partir de fragmentos recolhidos em ambas unidades estratigráficas e se, nalguns casos, isso possa ser resultado de uma menos eficaz distinção de realidades no momento da escavação, a repetição do fenómeno parece encontrar explicação mais plausível na violência do embate do telhado sobre os níveis de deposição da lixeira, com consequente interpenetração das duas superfícies. Ainda assim, pareceu-nos importante incluir os materiais de construção da u.e. [52] na presente análise, já que não é incongruente a sua presença num contexto de lixeira, enquanto objectos descartados por algum motivo.

Fig. 1 Recipiente cerâmico quebrado em conexão na zona de interpenetração do derrube [26] com a lixeira baixo-imperial [52].

Os vestígios de ocupações mais antigas, sobre os quais foi constituída a lixeira baixo-imperial, com presença residual na u.e. [52] também não serão objecto de apresentação e análise. Naturalmente que estamos conscientes da dificuldade da definição deste conjunto. Se, em relação aos fragmentos de cerâmica de paredes finas, por exemplo, não há dúvidas quanto à sua associação aos vestígios de uma ocupação mais antiga, o mesmo já não se poderá dizer em relação a alguns exemplares de cerâmica comum, cujas formas têm uma cronologia de utilização que atravessa todo o período romano, ou aos artefactos para os quais não conseguimos definir uma morfologia ou funcionalidade específica. Contudo, no que respeita à cerâmica e aos vidros, é admissível que a eventual presença de exemplares mais antigos não altere de forma expressiva a amostra em análise. Isto porque, se atentarmos naqueles materiais que são claramente atribuíveis a cronologias alto-imperiais, verificamos que eles têm uma expressão residual no conjunto de fragmentos exumado. Este carácter residual deverá manter-se também nos materiais mais antigos cuja identificação não é inequívoca, tanto mais que a maioria dos exemplares que assumimos como baixo-imperiais são aqueles cuja forma foi possível reconstituir a partir de um número significativo de fragmentos.

Assim, a amostra que serve de base ao presente estudo é constituída por 206 artefactos (ou fragmentos de artefactos) recolhidos durante a escavação da lixeira baixo-imperial, que representam 81% do conjunto exumado. A inclusão neste grupo de recipientes cerâmicos e vítreos, bem como de uma moeda, recolhidos na u.e. [26] baseia-se na constatação óbvia de que estes não fariam certamente parte da cobertura do *triclinium* de verão, mas antes a sua presença neste ambiente estratigráfico se deve à interpenetração referida anteriormente. Excluem-se todos os fragmentos de cerâmica (incluindo a de construção), metal, vidro ou osso que não puderam ser individualizados como artefactos e/ou cuja integração nos exemplares reconhecidos não pode ser estabelecida.

Sendo este um estudo que pretende apresentar uma leitura dos artefactos enquanto indicador cultural e paleo-económico, pareceu-nos útil estruturar a sua análise segundo categorias funcionais e não considerando a divisão tradicional baseada no tipo de material em que foram produzidos. Por esta razão, por exemplo, incluímos na categoria servir/comer recipientes em *terra sigillata* e vidro que partilhavam as mesmas funções que formas análogas em cerâmica comum.

A divisão tradicional por tipo material é genericamente aceite pelos especialistas e tem vantagens quando a abordagem se faz do ponto de vista estritamente morfológico. Contudo essa categorização, sobretudo no que diz respeito à dicotomia “cerâmica fina, de luxo ou de mesa” e “cerâmica comum ou de cozinha”, esquece que diferentes tipos de material podem ter a mesma funcionalidade e, consequentemente, um mesmo significado em termo de gesto quotidiano. Claro que também se pode argumentar que as categorias funcionais não são operativas porque um mesmo artefacto pode servir simultaneamente funções diferentes, sendo isto particularmente evidente para os pares preparar/cozinhar, cozinhar/servir ou servir/comer. Se qualquer esforço de categorização/classificação encerra em si uma boa dose de incongruência, já que assenta sempre sobre uma divisão artificial da realidade, também é inquestionável que é fundamental estabelecê-lo como ferramenta de análise. Pretendemos assim que a categorização funcional dos artefactos exumados na lixeira da Quinta das Longas se assuma como forma de reconstituição do quotidiano dos últimos habitantes da *uilla*, sobretudo no que diz respeito ao consumo de bens alimentares.

Antes de passar à apresentação e análise do significado dos artefactos recolhidos na lixeira, importa fazer referência a uma das muitas questões que se colocam ao estudo destes materiais arqueológicos. Referimo-nos concretamente ao estudo da cerâmica comum romana, que se assume, aliás, como presença maioritária neste conjunto.

Contrariamente ao que acontece com outros tipos de cerâmica romana, para a cerâmica comum não existe uma proposta de classificação/descrição genericamente aceite. Este facto fica a dever-se às especificidades deste tipo de materiais, particularmente variáveis regionalmente, com um vasto repertório de formas e longas cronologias de utilização. Consideramos contraproducente no presente momento da investigação arqueológica portuguesa a elaboração de (mais) uma proposta de classificação/descrição para a cerâmica comum romana na região em que a *uilla* se insere. Parece-nos antes mais útil reportarmo-nos a propostas já existentes, com as quais concordamos na generalidade, podendo desta forma contribuir para um esforço de normalização em estudos deste tipo.

Assim, os critérios de classificação e descrição da cerâmica comum da *uilla* romana da Quinta das Longas seguem os pressupostos teóricos da obra de J. Alarcão (1974), a organização por categorias funcionais de J. Nolen (1993) e a tipologia de formas e descritores de I.V. Pinto (2003). Esta última autora sintetiza aliás, num trabalho exaustivo, as várias propostas nacionais e internacionais para o estudo da cerâmica comum romana, dando particular atenção àquela que é a única obra de referência para a região que nos ocupa, ou seja, o trabalho de J. Nolen sobre as necrópoles do Alto Alentejo (Nolen, 1985). Ainda que a obra de I. V. Pinto se reporte a uma área geográfica dis-

tinta, e com particularidades em termos de ocupação do espaço rural certamente diversas dos *agri emeritenses* em que a Quinta das Longas se insere, e que possamos discordar pontualmente de alguns aspectos formais do trabalho em causa, consideramos que a utilização de *A cerâmica comum das uil-lae de São Cucufate (Beja)* como “manual de referência” se reveste de alguma importância na tentativa de uniformizar a terminologia portuguesa no estudo da cerâmica comum romana.

A utilização da tipologia proposta por esta autora far-se-á contudo apenas ao nível das grandes categorias morfológico-funcionais, não subdividindo os artefactos pelos tipos e subtipos por ela considerados (Pinto, 2003, p. 151-158). As variantes morfológicas que podemos identificar num conjunto maioritariamente constituído por fragmentos de recipientes, como é o da Quinta das Longas, não serão muito relevantes, sobretudo numa abordagem de carácter funcional como aquela que nos propomos realizar. Mesmo ao nível das grandes categorias, algumas distinções só podem se conseguidas quando se consegue reconstituir integralmente o recipiente, já que assentam numa relação proporcional entre medidas definidas a partir de exemplares completos.

Ainda no que diz respeito à cerâmica, convém também justificar a ausência de análise de pastas no presente trabalho. Isto deve-se sobretudo ao facto de se encontrar neste momento em curso um programa de análises geoquímicas das cerâmicas da Quinta das Longas, do qual alguns resultados foram já parcialmente divulgados (Dias et al. 2004; Almeida e Carvalho, no prelo). A análise macroscópica de pastas nesta fase de trabalho seria assim contraproducente, já que a leitura dos dados arqueométricos constituirá, a seu tempo e com uma base de dados de referência mais alargada do que aquela que existe neste momento, um ponto de partida mais fiável para a reconstituição de tipos de fabrico/centros de produção.

Contudo, apresentamos algumas observações ao nível do fabrico que nos parecem relevantes para a identificação e caracterização das peças de cerâmica comum. Assim, aponta-se o tratamento de superfícies a que foram sujeitas, bem como o tipo de cozedura e a cor da pasta. Em relação a esta última, a opção por referir apenas a cor da pasta afigura-se mais significativa, tendo em conta que estamos a considerar um conjunto maioritariamente constituído por fragmentos que, em muitos casos, sofreram alterações pós-fabrico (quer em sequência da utilização quer de perturbações pós-deposicionais) que resultam num elevado grau de variabilidade de cor ao nível das superfícies.

Embora a análise do conjunto artefactual se faça considerando a totalidade da amostra, apenas apresentamos em catálogo, com a respectiva descrição e ilustração, alguns dos exemplares identificados. Isto porque nos pareceu fastidioso repetir a apresentação de artefactos genericamente semelhantes, cuja descrição e reconstituição gráfica se confunde, sendo mais significativo seleccionar apenas um exemplar por cada um dos tipos identificados. Por razões estritamente pragmáticas, na apresentação em catálogo, embora se siga genericamente a organização por categorias funcionais, os artefactos encontram-se agrupados de acordo com a partilha de descritores comuns.

2. Leitura estratigráfica e enquadramento cronológico da lixeira baixo-imperial

O diagrama estratigráfico que apresentamos estabelece as relações de anterioridade e contemporaneidade dos diferentes momentos de ocupação então caracterizados, convertidos em unidades estratigráficas, utilizando para tal o modelo de registo e leitura proposto por Harris (1979), ampliado pelas sugestões de Carandini (1981). No diagrama, a apresentação das unidades seguiu a experiência levada a cabo por Roure i Bonaventura et. al. (1988) e que se traduz na atribuição de diferentes símbolos às várias realidades, criando grupos de unidades semelhantes, contribuindo assim para uma maior facilidade de leitura.

O diagrama exhibe, deste modo, a quase totalidade das realidades representadas graficamente nas plantas de estruturas e derrubes (Figs. 2, 12 e 13). Embora expressas em planta, foram propositadamente omitidas do diagrama aquelas que não são significativas para a caracterização e análise do contexto em estudo.

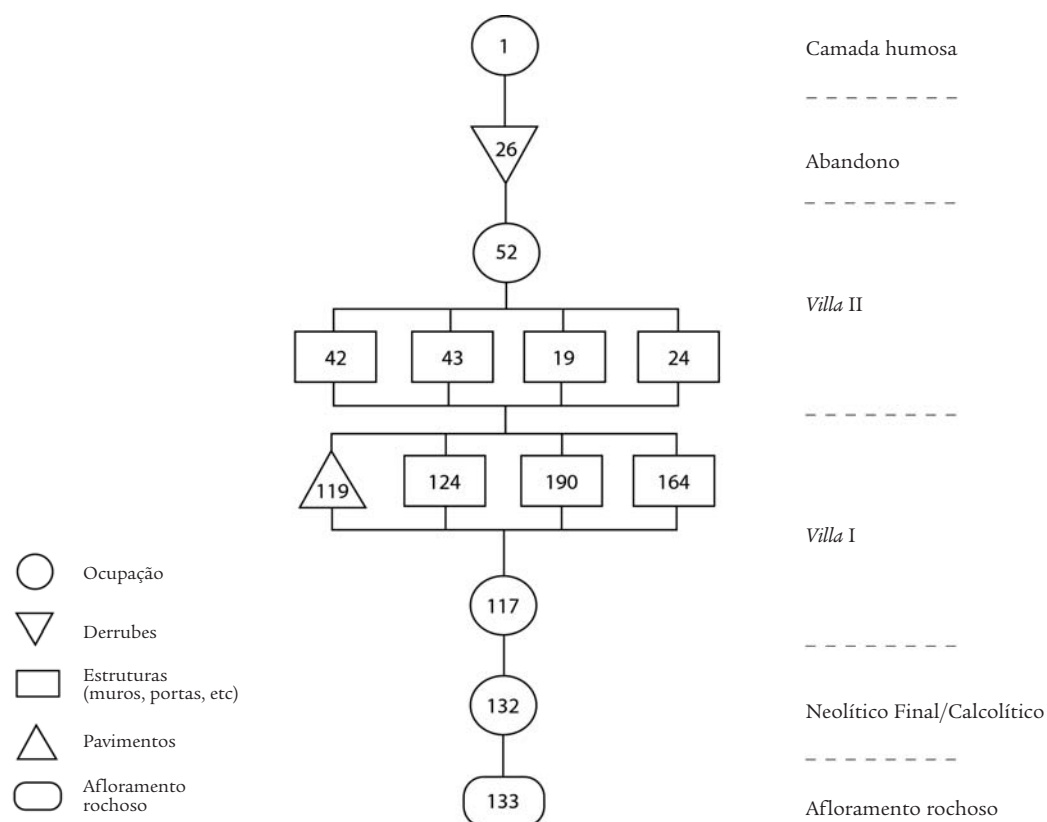


Fig. 2 Diagrama estratigráfico da área ocupada pela lixeira [52].

Na área ocupada pela lixeira baixo-imperial foram identificados dois momentos distintos de ocupação durante a época romana. Um momento mais antigo diz respeito à fase que designamos por *Villa I* e que corresponde, nesta área, aos restos de um compartimento (14)³ (Fig. 3), com uma implantação distinta da *pars urbana* baixo-imperial. Este compartimento possui um pavimento de *opus signinum*, bastante erodido, tendo sido a ocupação que lhe está associada por nós datada de meados do século I a século II d.C. Os materiais correspondentes a essa ocupação — cerâmicas de paredes finas e vidros — podem ter sido produzidos a partir dos reinados de Tibério-Cláudio e representam um *terminus post quem* para a ocupação romana naquela área da *villa*.

Num momento posterior, em que desconhecemos se a *Villa I* estaria ainda habitada ou se já seria uma ruína, dá-se uma intensa reformulação daquele espaço. Nesta fase da investigação, parece-nos plausível que tenha havido um hiato temporal entre a ocupação da *Villa I* e a ocupação baixo-imperial, pois do ponto de vista artefactual regista-se a ausência de materiais arqueológicos que preencham completamente toda a cronologia genericamente considerada como “época romana”.

Esta reestruturação arquitectónica é materializada pela destruição e desmontagem de parte da divisão 14 para, sob a rocha de base, fundar a sala de tripla abside, correspondente ao *triclinium* de verão (1), e o espelho de água (7), compartimentos que integram o conjunto designado como *Villa II*. Esta acção implicou que os construtores romanos tenham efectuado um desaterro, até ao

Fig. 3 Perspectiva geral da área sob a lixeira [52] onde se conservam vestígios de uma construção da *Villa* I (Vista de Oeste).

afloramento granítico, destruindo e removendo todos os estratos anteriores. Esta operação decorreu entre os finais do século III e os princípios do século IV, muito provavelmente já no século IV, e a constituição da lixeira tem início no momento em que a área residencial da *Villa* II começa a ser utilizada. A lixeira [52] poderá corresponder apenas a uma das várias lixeiras que devem ter existido no âmbito da utilização da *pars urbana* da *Villa* II.

Esta unidade estratigráfica, que forneceu abundantes materiais arqueológicos e restos de fauna, constituía uma camada muito bem individualizada, delimitada entre o derrube [26] — que a cobria — e o paleossolo [117], por si coberto. A norte, estava contida pela parede sul do espelho de água [42] e pela parede da divisão 14 [190]. A este e a sul, pelos muros que serviam de alicerces da sala 1 na área da abside norte [24] e abside oeste [43]. A oeste, pela parede do compartimento 14 [124]. A u.e. [52], no momento da escavação, apresentava-se muito húmida, com um tom cinzento-escuro (7.5 YR 4/4)⁴, adquirindo após a secagem uma cor castanha amarelada clara (10YR 6/4).

Durante a fase de utilização da *uilla* baixo-imperial, as áreas funcionais que rodeavam a lixeira (*triclinium* de Verão e espelho de água) tinham zonas de acesso e circulação pelo lado oposto, ou seja, por nascente e norte, a partir do *peristilo* (4a) e do pórtico (29), ligados entre si por um pequeno corredor (21). A área onde se constituiu a lixeira era, portanto, uma zona exterior. Na época baixo-imperial, e após a construção do *triclinium* de Verão (1) e do espelho de água (7), todo aquele espaço exterior deixou de estar articulado com a vivência da *pars urbana* da *uilla*, correspondendo assim a uma zona de traseiras, face ao conjunto senhorial, que foi utilizada para os despejos domésticos relacionados apenas com a alimentação dos indivíduos que ali habitaram.

Esta lixeira deveria localizar-se próximo de uma zona de cozinhas onde os alimentos servidos na parte residencial da *uilla* eram confeccionados. Não pudemos identificar, através da lei-

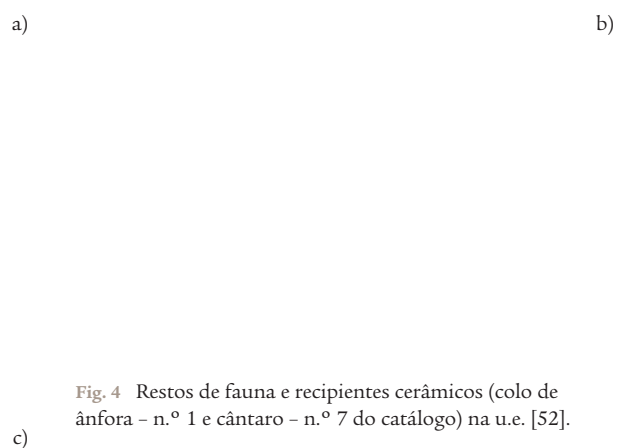


Fig. 4 Restos de fauna e recipientes cerâmicos (colo de ânfora - n.º 1 e cântaro - n.º 7 do catálogo) na u.e. [52].

Fig. 5 Perspectiva geral da *pars urbana* baixo-imperial em 2004, após as operações de conservação e restauro das estruturas (Vista de Oeste).

tura da planta da *pars urbana* baixo-imperial, já levantada na íntegra, nenhum espaço que pudesse ter servido para esse fim. Não foi possível identificar estruturas de combustão, concretamente fornos ou lareiras, pias para águas, ou outros elementos indiciadores de um espaço de cozinha em qualquer um dos compartimentos identificados. Apenas ao compartimento 20 poderemos atribuir uma funcionalidade afim, mas apenas como “copa” ou espaço de apoio ao serviço de refeições nos *triclinia* da *uilla*. Esta interpretação baseia-se no facto do pavimento em *opus signinum* desse compartimento apresentar uma depressão circular que poderá corresponder a uma estrutura de apoio à limpeza dessa área. Saliente-se ainda que este compartimento se encontra parcialmente destruído a norte pela acção de lavras contemporâneas, que deixaram o seu muro limite conservado apenas ao nível do alicerce, abaixo da cota do pavimento romano. Por essa razão, não podemos ter absoluta certeza de que não estariam aí localizadas outras estruturas de apoio a actividades culinárias ou a outros serviços domésticos.

a)

b)

c)

Fig. 6 Vista geral, pormenor e corte do derrube [26] (a, b e c). A mesma área após a remoção desta unidade estratigráfica (Vista de Norte) (d).

d)

Quando as construções, designadamente o *triclinium* de Verão (1) da *Villa* II, entraram em ruína, iniciou-se a constituição da u.e. [26]. Trata-se da derrocada dos telhados e paredes desta sala para as traseiras (oeste) que tapou por completo, selando, a lixeira baixo-imperial. Esta unidade, cujos sedimentos eram genericamente de tonalidade castanha (10YR 5/3), era composta maioritariamente por materiais de cobertura (*tegulae* e *imbrices*), além de pedras de pequenas e médias dimensões, tijolos, pregos e outros metais, bem como abundantes nódulos de argamassa e *opus signinum*. Naturalmente, e como já se referiu, esta camada forneceu significativo espólio cerâmico que é resultante das contaminações havidas pelo impacto do derrube na lixeira.

Após a remoção desta camada, e a título meramente indicativo, decidimos proceder ao registo do peso dos materiais de construção cerâmicos remanescentes, o que permitiu obter o valor de 1073,45 kg.

Para terminar este ponto, importa ainda referir que, sob a lixeira [52] e tapado por um paleosolo [117] com uma tonalidade castanha amarelada (10YR 5/4), foi escavado um nível [132] onde se exumaram materiais pertencentes ao período Neolítico Final/Calcolítico, entretanto já publicados em outro número desta revista (Gonçalves, Carvalho e Pombal, 2003). Este nível, muito húmido e com uma tonalidade semelhante à anterior, assentava, por sua vez, directamente sobre o afloramento rochoso [133].

3. O conjunto artefactual exumado

3.1. Abastecer/transportar

Os recipientes recolhidos que foram inseridos na categoria de abastecimento e transporte correspondem a cerca de 7% do total da amostra em análise (excluindo os 61 exemplares sem funcionalidade definida), num total de 10 exemplares (oito ânforas e dois cântaros).

As ânforas pertencem maioritariamente à categoria Almagro 51c/Classe 23/Keay XXIII e correspondem, no caso dos dois bocais apresentados em catálogo, a formas típicas deste tipo de recipientes. O mesmo sucede com os fundos com os n.ºs 4 e 5. O fundo n.º 3 poderá ser de uma ânfora deste tipo ou de um outro tipo de recipiente anfórico de pequenas dimensões. A ausência de reforço no interior do fundo é um facto muito significativo para a definição da dimensão do contentor.

Todos estes materiais foram já objecto de análise geoquímica no âmbito do projecto arqueométrico em curso, já referido anteriormente, que está a ser desenvolvido com o Instituto Tecnológico Nuclear. Nesta instituição está a ser reunida informação que visa proceder à constituição de um banco de dados de referência, com base na caracterização dos centros produtores. Deste modo procura determinar-se a proveniência de vários tipos cerâmicos encontrados em contextos de consumo. De acordo com os primeiros dados disponíveis, verificou-se que aos n.ºs 1, 4 e 5 não foi possível atribuir uma proveniência exacta, já que os valores determinados não correspondem a nenhum dos centros produtores analisados. No que diz respeito ao exemplar n.º 2, constatou-se que a composição geoquímica da sua pasta se aproxima das que foram produzidas no forno da Herdade do Pinheiro (Alcácer do Sal). Já o n.º 3 poderá ter uma origem algarvia. (Cf. Dias et al., 2004; Almeida e Carvalho, no prelo).

Os dois cântaros (n.ºs 6 e 7), que incluímos nesta categoria, não parecem ser produções locais ou regionais, dado que as características do seu fabrico diferem muito da restante cerâmica comum identificada na lixeira. Tal como as ânforas, poderão ter contido algum produto alimentar produzido noutra área regional que chegou à *villa* romana da Quinta das Longas envasado nestes

recipientes. A sua morfologia, nomeadamente o bordo do exemplar n.º 7, faz recordar algumas tipologias anfóricas, ainda que a observação macroscópica da pasta do cântaro n.º 6 seja muito pouco coincidente com o que habitualmente consideramos como produções lusitanas. Curiosamente, a análise geoquímica não pode filiar este exemplar em nenhum dos centros produtores conhecidos, mas aproxima-o dos valores do grupo de ânforas referidas anteriormente (n.ºs 1, 4 e 5) cuja origem também não foi determinada. Já o cântaro n.º 7, embora com algumas reservas, poderá ter origem algarvia.

Tendo em conta estas observações que apontam para uma origem exógena destes recipientes, parece-nos que será mais correcto incluir estes recipientes na categoria relativa ao abastecimento e transporte do que nas que apresentaremos subsequentemente. Propositadamente, a designação pela qual optámos para estes recipientes está ausente da tipologia de cerâmica comum que usamos como referência, já que a funcionalidade destas peças seria diversa da das bilhas, tipo em que esta autora engloba os “cântaros” conforme definidos por J. Alarcão e J. Nolen (Pinto, 2003, p. 83).

3.2. *Armazenar*

No nosso conjunto de 206 exemplares considerados, 10% dos exemplares a que foi possível atribuir uma funcionalidade correspondem a recipientes destinados ao armazenamento, num total de 14 registos. São talhas ou *dolia* (sete exemplares) e respectivas tampas (quatro exemplares) e três potes de grandes dimensões. As talhas identificadas na lixeira enquadram-se no tipo definido por I. V. Pinto (2003, p. 448-452) como talhas de bordo horizontal amendoado mais espesso que a parede do bojo. Neste conjunto há que chamar a atenção para o exemplar n.º 10 que exhibe vestígios de ter possuído uma decoração ondulada incisa no bojo. A peça n.º 11 é uma pequena talha de bordo bem marcado, e que incluímos no mesmo grupo, apesar das suas dimensões se afastarem claramente das restantes (cujos diâmetros de abertura variam entre 380 e 398 mm).

As tampas de talha, num total de quatro exemplares, foram distinguidas das tampas que incluímos na categoria preparar/cozinhar com base exclusivamente na sua dimensão, já que morfológicamente essa distinção não é possível. De todas apenas se conservam fragmentos de bordo simples com parede oblíqua, não sendo possível saber como terminariam na zona de preensão.

3.3. *Preparar/cozinhar*

No conjunto de recipientes destinados à preparação e confecção de alimentos encontramos tampas, um alguidar, almofarizes, tachos e panelas. A inclusão das tampas nesta categoria faz-se com base no reconhecimento de que esta forma é, na expressão feliz de J. Alarcão (1974, p. 35), “apenas acompanhante de outras peças”, destinando-se a cobrir recipientes de cozinha, concentrando o calor libertado pela confecção dos alimentos. Poderiam também servir para cobrir recipientes de armazenamento, como é o caso das tampas de talha referidas anteriormente, mas optamos por inclui-las nesta categoria dado que os seus diâmetros de abertura (variando entre 190 e 215 mm) são mais compatíveis com a cobertura das panelas e tachos identificados na lixeira (106-204 mm e 119-294 mm, respectivamente), do que com a cobertura das talhas recolhidas, cujos diâmetros de abertura encontram correspondência naquelas tampas que incluímos na categoria anterior. Utilizando este critério, contudo, não podemos excluir a hipótese das tampas referidas neste ponto estarem associadas à talha de pequenas dimensões (n.º 11) ou a qualquer um dos três

potes identificados. Morfologicamente, apresentam as mesmas características do que as tampas de talha referidas no ponto anterior.

Os recipientes claramente associados à preparação de alimentos são os alguidares e almofarizes, dos quais foi possível identificar 7 exemplares distintos. São formas abertas, com o bordo em forma de aba ou com ressalto para facilitar o seu manuseamento. As grandes dimensões do alguidar recolhido na lixeira sugerem uma multiplicidade de funções, desde a preparação de grandes volumes de alimento (vegetais, por exemplo) ou outras funções não estritamente culinárias como a lavagem de louça e a recolha de desperdícios de cozinha.

Os almofarizes serviam para esmagar e triturar os alimentos, nomeadamente as ervas aromáticas usadas na confecção de molhos e outros pratos da culinária romana. Duas das características “típicas” deste tipo de recipiente — as estrias na face interna que funcionariam como abrasivo para facilitar o processo de trituração e o vertedoiro — estão ausentes nos exemplares identificados na lixeira baixo-imperial. Existem dois almofarizes recolhidos na u.e. [52] com estrias (n.ºs de inventário 51 e 52) mas farão parte do conjunto de materiais mais antigos que excluímos do contexto de lixeira já que, tanto o seu fabrico (pasta branca/rosada), como as suas características morfológicas se assumem como francamente residuais no conjunto exumado (cf. *supra*). Já o facto de não terem sido reconhecidos almofarizes com vertedoiro não significa necessariamente a ausência desta característica formal. Todos os exemplares considerados são identificados a partir de fragmentos que não permitem a reconstituição integral da forma e, justamente, o vertedoiro é uma das características que não pode ser extrapolada a partir da convencional projecção do fragmento de perfil reconhecido.

Nesta categoria, os recipientes destinados à confecção de alimentos (panelas e tachos) representam mais de metade do conjunto. Em termos funcionais estes dois tipos de recipiente seriam análogos, sendo a sua distinção feita apenas com base em critérios morfológicos, considerando que os tachos são formas mais baixas e abertas que as panelas e com bordo formando uma aba horizontal que, em alguns casos, apresenta um sulco ou moldura para facilitar o assentamento da tampa (n.º 37). Em ambos os casos a morfologia da peça adapta-se claramente à sua função culinária, com fundos planos e paredes arqueadas que permitem uma boa difusão e conservação do calor durante o processo de confecção, bem como o estrangulamento da abertura que, contudo, é suficientemente amplo para permitir a introdução de utensílios e a retirada dos alimentos cozinhados.

Das 15 panelas identificadas, duas permitiram a reconstituição integral da forma (n.ºs 24 e 30), sendo plausível admitir que os restantes exemplares não variassem consideravelmente na morfologia. Assim, as panelas da lixeira baixo-imperial da Quinta das Longas seriam recipientes de corpo ovóide ou globular (n.º 31), com fundos planos e bordos voltados para o exterior formando colos pouco acentuados e curtos. Apenas o exemplar n.º 25 apresenta paredes oblíquas e um estrangulamento da abertura que o fazem aproximar morfológicamente de formas que classificamos como potes (cf. n.º 12). Contudo, distinção entre panelas e potes exclusivamente a partir da morfologia é impossível já que ela se faz puramente do ponto de vista funcional: “Os potes serão recipientes com as mesmas proporções que as panelas mas que não serviam para cozinhar” (Pinto, 2003, p. 79). A presença de marcas de utilização no fogo pode ser um elemento para esta distinção, mas essa identificação apenas foi possível em cinco dos recipientes cerâmicos da lixeira, três dos quais panelas (n.ºs 27, 28, além de uma peça não apresentada em catálogo, com o n.º de inventário 74). Isto deve-se sobretudo ao facto de estarmos em presença de um conjunto definido através de fragmentos que não apresentam necessariamente todas as características que poderiam ser reconhecidas nos exemplares completos.

Igual observação pode fazer-se quanto ao registo de asas nas panelas identificadas. Em apenas um caso (n.º 26) se conserva uma asa, embora seja possível que existissem em algumas das restantes panelas. Essa possibilidade é avançada não só pela constatação que as panelas asadas são muito frequentes em contextos romanos (porque a existência de elementos de preensão é muito útil para a função a que se destinam), como também pela existência na lixeira de um considerável número de fragmentos de asa com tipos de fabrico semelhantes aos das panelas identificadas. No entanto, como não foi possível filiar esses fragmentos de asa a nenhum dos recipientes identificados, excluem-se da presente análise.

No conjunto de panelas da lixeira há ainda a destacar a presença de decoração nos exemplares n.ºs 29, 30 e 31, que apresentam no bojo faixas horizontais — sulcos ou bandas — paralelas à linha do bordo. Estas faixas são conseguidas através do polimento das superfícies antes da cozedura da peça, técnica decorativa conhecida nas necrópoles da região (cf. Nolen, 1993, p. 296). Todas estas panelas foram cozidas em ambiente redutor, apresentando as superfícies de cor cinzentas ou negra.

Os tachos seriam recipientes muito semelhantes às panelas, cumprindo a mesma função culinária. Embora todos eles sejam apenas identificados pelo bordo e parte superior do bojo, a inclinação das paredes sugere que se tratavam de recipientes mais baixos e largos, ou seja, cujo diâmetro de abertura se aproximaria mais do diâmetro máximo e da altura total da peça do que o verificado nas proporções análogas das panelas. Também aqui o exemplar n.º 35 apresenta paredes oblíquas e um estrangulamento da abertura que o poderiam remeter morfologicamente para as formas que classificamos como potes. Contudo, os potes são geralmente recipientes com bordo mais aprumado, ainda que muitas vezes voltado para o exterior, e este recipiente tem um bordo que forma uma aba horizontal semelhante aos dos outros tachos identificados.

3.4. *Servir/comer*

Nos recipientes destinados a servir e comer distinguimos aqueles que tinham como função a apresentação e o consumo, individual ou colectivo, de alimentos. Na maioria dos casos apresentados é difícil afirmar com certeza que esses exemplares apenas serviram para estas funções e não teriam sido também utilizados na preparação e confecção de bens alimentares. Igualmente também devemos assumir que algumas das peças referidas no ponto anterior foram utilizadas simultaneamente para servir à mesa, como uma simples comparação “etnoarqueológica” com os hábitos da nossa própria organização doméstica parece indicar.

No conjunto de recipientes recolhidos na lixeira, apenas um pode ser identificado como terrina, ou seja, um vaso aberto de grandes dimensões destinado exclusivamente ao serviço de mesa. Embora o exemplar da lixeira (n.º 38) seja identificado apenas a partir de um fragmento de bordo, o que não permite tecer quaisquer considerações objectivas sobre as suas proporções, o ângulo do arranque das paredes parece indicar que estamos em presença de uma peça aberta de pouca profundidade. Além disso, o seu diâmetro de abertura (264 mm) e o facto da morfologia do bordo remeter claramente para as formas apresentadas como terrina no estudo que assumimos como referência (Pinto, 2003, p. 297-315) parecem autorizar esta classificação.

Destinadas a servir e consumir alimentos líquidos ou de base líquida seriam as tigelas, embora seja plausível pensar que algumas tenham sido também utilizadas nas fases de preparação e confecção. Poderá ter sido o caso do exemplar n.º 39, de grandes dimensões e fabrico grosseiro. As restantes, com diâmetros de abertura que variam entre 109 e 240 mm, estariam vocacionadas

quer para o serviço quer para o consumo individual de alimentos líquidos, ou papas e pratos confeccionados com molho. As tigelas recolhidas na lixeira são recipientes abertos de corpo tendencialmente hemisférico, ou em calote de esfera, com bordo simples ou ligeiramente espessado. A única à excepção é o exemplar n.º 43, que apresenta um bordo em forma de aba em tudo semelhante aos alguidares ou almofarizes, não fossem as suas dimensões e fragilidade do fabrico afastarem claramente a possibilidade de se destinar a outra função que não o serviço ou consumo.

Os pratos partilhariam as mesmas função que as tigelas e, tal como elas, poderão ter sido também utilizados para preparar e cozinhar. São também recipientes abertos, mas a relação entre o diâmetro de abertura e a altura máxima da peça é menor, além de que o corpo da peça é tendencialmente trapezoidal e não hemisférico.

Num único caso foi possível reconstituir na íntegra a peça (n.º 47), verificando-se que as proporções permitem classificá-lo como “prato covo” (Pinto, 2003, p. 212-220). Contudo, outro dos traços distintivos entre “prato” e “prato covo” é o facto deste último se destinar à confecção de alimentos, sendo designado também por alguns autores como “frigideira”, reforçando assim a sua função culinária. Contudo, exactamente no único exemplar completo da amostra em análise, constituído por um número significativo de fragmentos, verifica-se a total ausência de vestígios de utilização no fogo. Por esta razão preferimos considerar este prato, bem como os outros identificados, como pertencentes à categoria servir/comer e não preparar/cozinhar. Caso considerássemos os pratos como loiça de cozinha teríamos também que o fazer em relação às tigelas, consensualmente associadas ao serviço de mesa, visto que o mesmo tipo de argumento de partilha de funções pode ser invocado. Sobretudo se tivermos em conta que boa parte do processo de confecção alimentar em época romana não passa necessariamente pela exposição dos alimentos ao calor.

Os pratos recolhidos na lixeira são um conjunto morfologicamente homogéneo, apresentando bordos simples ou ligeiramente espessados e paredes pouco arqueadas. Esta homogeneidade também se reflecte a nível das dimensões e no fabrico, com pastas cinzentas características de cozedura em ambiente redutor. As únicas excepções são os pratos n.ºs 48 e 51, cozidos em ambiente oxidante, que são simultaneamente aqueles que apresentam as maiores dimensões (249 e 224 mm de diâmetro de abertura respectivamente, sendo que as restantes peças variam entre 146 e 210 mm).

Inequivocamente associadas ao serviço de mesa estão as taças em *terra sigillata* (n.ºs 62-64, 66-67) que, em termos funcionais, não se distinguiriam das tigelas em cerâmica comum. Na região que nos ocupa, a presença deste tipo de cerâmica em ambientes domésticos baixo-imperiais seria certamente vulgar e não constitui, em si mesma, um factor de distinção socio-cultural. Se assim fosse, aliás, seria de estranhar a fraca expressão que têm estes recipientes numa lixeira associada à *pars urbana* de uma *villa* com as características da Quinta das Longas.

Os potinhos, expressão que cristalizou já na terminologia dos estudos de cerâmica comum romana, são também formas especialmente vocacionadas para o serviço de mesa e poderão, em alguns casos, ter também sido usadas para beber. Na lixeira foram identificados nove exemplares desta forma, quatro dos quais em que se conservam fragmentos que permitem um considerável grau de reconstituição da peça (n.ºs 53-56).

São recipientes de pequenas dimensões, com diâmetros de abertura variando entre 81 e 169 mm, e alturas que não deveriam ultrapassar muito a do único exemplar em que essa medida se conserva, ou seja 153 mm. O corpo é ovóide ou de tendência globular, destacando-se os exemplares n.º 55, em que a parede se apresenta ondulada, e n.º 56, com uma carena marcando o último terço da peça. Em três dos exemplares conserva-se uma asa, total ou parcialmente, sendo de admitir que pudessem ter tuas asas simétricas, conforme é sugerido na representação gráfica do potinho n.º 55. Em relação aos exemplares não apresentados em catálogo, trata-se de fragmentos de

bordo morfológicamente semelhantes aos das panelas, potes ou tachos, mas cujas dimensões e tipo de fabrico remetem para uma classificação como cerâmica de mesa de uso individual e/ou de serviço de alimentos líquidos, ou de base líquida, em pequenas quantidades.

O fabrico destes recipientes é cuidado, apresentando pastas depuradas com superfícies alisadas, conservando vestígios de aguada ou engobe em três dos potinhos identificados. As características porosas da pasta do exemplar n.º 55 sugerem a sua utilização como recipiente destinado a conter água. Nesta peça regista-se ainda a presença de decoração na metade superior do bojo através de faixas verticais paralelas, conseguidas por alisamento com uma pequena espátula antes da secagem da pasta. O potinho n.º 56 é também decorado, combinando a decoração plástica com a pintura, técnicas decorativas apenas registadas neste exemplar e significativamente ausentes de todo o conjunto de cerâmica comum identificado na lixeira.

Em dois exemplares (n.º 53 e um fragmento de bordo não apresentado em catálogo com o n.º de inventário 47) reconhecem-se marcas de utilização no fogo. Se a classificação destas peças se fizesse apenas tendo em conta a sua morfologia, teríamos que as juntar ao grupo das panelas e ao dos tachos, respectivamente, sendo assim coerente a presença na loiça de cozinha. Contudo, a constatação da presença de marcas de fogo em potinhos não é incomum, podendo eventualmente corresponder a uma utilização destes recipientes como candeia (Pinto, 2003, p. 81). Por outro lado, as dimensões destes exemplares afastam-se claramente da média e moda das dimensões das panelas e tachos identificados na lixeira, pelo que consideramos mais plausível que partilhassem as mesmas funções que os restantes exemplares classificados como potinhos.

As bilhas representam, em conjunto com a garrafa em *terra sigillata* (n.º 65), um grupo particularmente expressivo no conjunto dos recipientes destinados a servir/comer. Não só porque em termos de presença numérica se destacam com a identificação de 11 exemplares (apenas nos pratos se identificaram um número semelhante), como o seu estado de conservação permite um significativo grau de reconstituição das respectivas formas.

Estes recipientes são, por excelência, as formas destinadas a conter, transportar e servir líquidos. Em algumas ocasiões poderão ter também servido para o consumo directo, como os vestígios de desgaste pelo uso observados no bocal do exemplar n.º 57 parece indicar. A morfologia destes recipientes é determinada pela sua função, com bojo piriforme ou globular e colos restritos formando um gargalo que facilita a operação de verter o líquido neles contido. Também para facilitar essa operação, regista-se o vertedoiro no bocal da bilha n.º 58. As bilhas teriam uma única asa, conservada total ou parcialmente nos exemplares que apresentamos em catálogo, ao contrário da garrafa em *terra sigillata* hispânica tardia da qual apenas recuperamos parte do bordo e gargalo troncocónico, que deveria possuir duas asas (cf. Palol e Cortez, 1974, p. 116-117, Fig. 32, n.º 10).

Dois dos exemplares apresentados em catálogo (n.ºs 59 e 61) têm o colo mais largo do que os restantes, podendo eventualmente ser classificados como jarros. Contudo, a distinção entre jarro e bilha é pouco clara nos autores que tomamos como referência (Alarcão, 1974, p. 34; Nolen, 1985, p. 35-36 e Pinto, 2003, p. 81-83), além de que, em termos funcionais, essa distinção é irrelevante. Por analogia com o uso corrente das palavras portuguesas, diríamos que o que distingue o jarro da bilha é a maior capacidade do primeiro, que o remete mais para a função de transportar/armazenar líquidos do que para a função de servir/comer. Assim, e porque as dimensões dos exemplares n.ºs 59 e 61 não se afastam significativamente dos restantes identificados como bilhas, preferimos mantê-los nessa classificação.

Todas as bilhas identificadas na lixeira têm um fabrico cuidado que as associa claramente ao serviço de mesa, tal como acontece inequivocamente com a garrafa n.º 65. As superfícies são alisadas e conservam-se restos de engobe em quatro exemplares (n.ºs 57, 59, 61 e um fragmento

de bordo não apresentado em catálogo com o n.º de inventário 86). A bilha n.º 57 é decorada com a mesma técnica que o potinho n.º 55 e na bilha n.º 58 regista-se a utilização de decoração incisa, combinando uma linha em ziguezague oblíquo na ligação do gargalo com o bojo e uma canelura na zona de diâmetro máximo da peça.

Se as bilhas se destinavam a servir líquidos à mesa teremos que encontrar também na lixeira recipientes destinados ao consumo desses mesmos bens alimentares. Já foi referida a possibilidade de algumas tigelas e taças em *terra sigillata*, potinhos e bilhas poderem cumprir essa função, mas a existência de copos é incontornável neste contexto. Apenas foi recuperado um fragmento de vidro (n.º 69) que pode ser identificado como copo (cf. Isings, 1957, p. 126), mas é possível que alguns dos fragmentos de vidro inclassificáveis que foram recolhidos na lixeira pudessem pertencer a formas análogas. As características do vidro, material certamente preferido para esta função, tornam difícil a identificação de recipientes a partir dos fragmentos conservados.

3.5. Iluminar

Além das categorias funcionais referidas anteriormente, que dizem respeito a gestos associados ao consumo alimentar, foi identificado na lixeira um grupo de recipientes destinados a outra função fundamental no quotidiano da *villa*: a iluminação.

Este grupo é exclusivamente constituído por lucernas, num total de quatro exemplares. As lucernas n.ºs 70 e 71 enquadram-se no tipo Dressel-Lamboglia 30 B, ao qual deverá também pertencer a peça não apresentada em catálogo (com o n.º de inventário 1448), embora o facto de apenas se conservar parte do depósito comprometa esta classificação, baseada sobretudo na constatação de semelhanças do tipo de fabrico com os exemplares referidos anteriormente. A lucerna n.º 72 é apenas reconhecida através de um fragmento que não permite identificação tipológica.

Parece significativo chamar a atenção para um tão escasso número de exemplares de lucernas no contexto da lixeira baixo-imperial. Se tivermos em consideração que se trata de um tipo de utensílio concebido para ser utilizado diariamente, o que lhe poderia provocar bastantes danos, seria de esperar que numa lixeira fôssemos encontrar um maior número de exemplares rejeitados. Além do mais, uma área tão vasta como a *pars urbana* da Quinta das Longas necessitaria de bastantes lucernas para iluminar todos os compartimentos que a constituíam. A área residencial da *villa* poderá ter sido iluminada recorrendo a outro tipo de recipientes, tendo sido já apontada a possibilidade da utilização dos potinhos com esta funcionalidade, e complementada por archotes nas áreas abertas.

Contudo, essa possibilidade parece-nos pouco condizente com o nível sócio-económico que supomos ter tido o proprietário da *villa* no Baixo-Império, que determinaria uma utilização preferencial de lucernas de bronze. Se assim fosse, talvez a fraca representatividade das lucernas em cerâmica pudesse encontrar explicação, embora ficasse por esclarecer a total ausência de lucernas de bronze (ou fragmentos que a elas pudessem ter pertencido) no registo arqueológico da Quinta das Longas.

3.6. Outros usos

Nesta categoria juntamos todos os artefactos recolhidos cuja presença é residual, definida na maior parte dos casos por apenas um exemplar, não constituindo por isso um grupo muito significativo em termos de representatividade funcional. Excepção feita aos pregos e cavilhas, que

constituem um grupo formado por 23 exemplares, mas que, pelas suas características não nos permitem tecer grandes considerações sobre a sua funcionalidade. Com efeito, estes artefactos são elementos de fixação de outros artefactos com um significado limitado quando considerados isoladamente. Poderão ter pertencido a vários tipos de objecto em madeira que foram rejeitados e depositados na lixeira, mas dos quais apenas se conservaram os elementos metálicos. Embora só tenhamos incluído neste grupo os pregos e cavilhas recolhidos na u.e. [52], convém recordar o que foi dito sobre a contaminação estratigráfica entre o derrube do *triclinium* de verão e a lixeira, pelo que alguns poderão ter estado associados aos materiais dessa cobertura.

Dois dos artefactos incluídos neste grupo estão associados a gestos de cuidado pessoal e toilette. Referimo-nos ao unguentário n.º 68 e ao alfinete em osso polido n.º 74, que poderá ter cumprido a função de alfinete de cabelo.

Se as tachas n.ºs 82 e 83 tiverem feito parte da fixação de algum tipo de calçado, função possível dada a sua dimensão e morfologia, poderíamos eventualmente agrupá-las com estes dois artefactos, constituindo assim um grupo associado ao vestuário e cuidados pessoais dos habitantes da *villa* baixo-imperial da Quinta das Longas. Contudo, outras aplicações destas tachas são também coerentes (fixação de elementos de mobiliário, de artefactos em couro, etc.) pelo que não será prudente tecer muito mais considerações nesse sentido.

Foram recolhidos outros elementos metálicos que certamente fariam parte de artefactos compósitos. O facto de um deles ser uma pega (n.º 79) e os outros dois poderem estar associados a um sistema de suspensão (n.ºs 75 e 76), torna tentador neste contexto interpretá-los como vestígios de actividades de preparação/confecção de alimentos. Contudo, chamamos a atenção que a presença de elementos metálicos na lixeira é residual: apenas 74 registos no universo de 290 peças ou conjuntos de fragmentos identificados no inventário das u.e.'s [26] e [52], tendo em conta que boa parte desses registos corresponde a materiais de construção associados ao derrube do telhado do *triclinium* de Verão. Por essa razão parece-nos afastada a hipótese de ter sido depo-

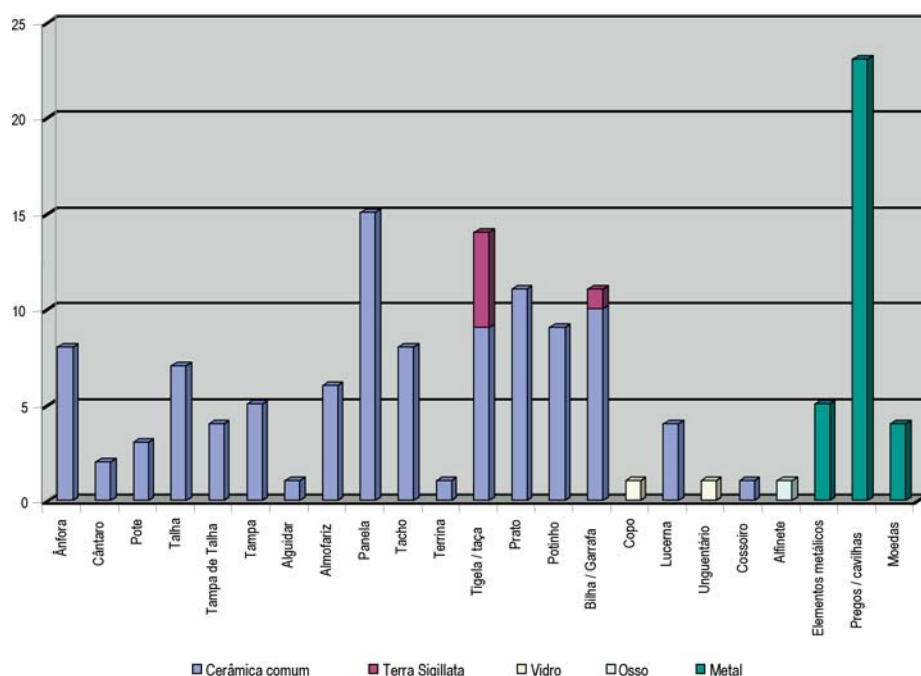


Fig. 7 Relação do número de exemplares dos artefactos recolhidos na lixeira, por forma/tipo.

sitado na lixeira algum recipiente metálico, que seria suspenso com recurso a uma cadeia também metálica, conforme seria de esperar numa imagem “clássica” de uma cozinha romana.

Por último, regista-se a presença de um cossoiro em cerâmica (n.º 73), único elemento associado a actividades artesanais presente na lixeira. O carácter claramente excepcional desta peça no conjunto exumado prende-se naturalmente com o facto de estarmos em presença de uma lixeira inequivocamente associada à *pars urbana* da *uilla*, onde seriam descartados muito poucos elementos que estivessem associados a actividades desse tipo.

4. Questões de cronologia

Os artefactos recolhidos na lixeira situada nas traseiras da área de residência senhorial baixo-imperial da *uilla* romana da Quinta das Longas representam um conjunto homogéneo do ponto de vista cronológico, podendo ser datado genericamente do século IV/inícios do século V, eventualmente mesmo restringindo a constituição desta unidade estratigráfica à segunda metade do século IV/primeiras décadas do século V.

Vários indicadores apontam para o facto da lixeira corresponder a um período de deposição relativamente curto. O primeiro é exactamente a quantidade de artefactos identificados entre o espólio recolhido. Com efeito, o número de 206 indivíduos (110, se considerarmos apenas os artefactos em cerâmica) não é exactamente aquele que seria de esperar durante período de utilização que excedesse três ou quatro gerações. Este facto tinha já sido notado para os níveis de ocupação da *uilla* baixo-imperial considerados como um todo (Almeida e Carvalho, no prelo) e parece encontrar correspondência no contexto de lixeira agora apresentado.

Outro dado que reforça a hipótese da lixeira se ter constituído num curto espaço de tempo é a homogeneidade das séries tipológicas encontradas em alguns tipos de cerâmica. É o caso das ânforas, das quais se recuperaram exclusivamente fragmentos pertencentes a recipientes de transporte de preparados piscícolas enquadráveis na classe 23 (Almagro 51c), estando significativamente ausente qualquer outra produção anfórica coeva que conhecemos, quer em centros de produção, quer em locais de consumo. Regista-se a ausência de ânforas vinárias ou oleárias, o que poderá corresponder a uma produção local de vinho e azeite. No caso deste último, esta ausência parece acompanhar a fraca representatividade de ânforas oleárias no registo arqueológico da capital provincial (cf. Calderón Fraile, 2000). À pequena percentagem de recipientes anfóricos destinados ao transporte de azeite (7% numa amostra de 211 fragmentos classificáveis, identificados em 14 escavações arqueológicas recentes), não foi contudo atribuída uma filiação estratigráfica precisa que permitisse contextualizar do ponto de vista cronológico a comparação que fazemos com a lixeira da Quinta das Longas.

Contudo, no que diz respeito às ânforas, convém ressaltar o facto de estarmos em presença de uma lixeira associada à *pars urbana* da *uilla*. Um contexto deste tipo constituirá uma amostra particular que não contém necessariamente os mesmos dados que poderiam ser recolhidos em áreas de armazenamento, por excelência situadas na *pars rustica* ou *fructuaria* da propriedade.

Embora com uma amostra reduzida, também as lucernas parecem representar uma conformidade nas tipologias utilizadas. Dos quatro exemplares identificados, três enquadram-se no tipo Dressel-Lamboglia 30 B, com uma homogeneidade de fabrico que aponta para uma origem comum, correspondente a produções locais ou de âmbito regional (cf. Rodríguez Martín, 2002).

Já no que diz respeito aos recipientes cerâmicos produzidos em *terra sigillata*, a maioria dos fragmentos corresponde a produções hispânicas tardias, o que não será de estranhar neste con-

texto. Neste grupo, o que há a destacar é a fraca representatividade das produções africanas de *terra sigillata* clara, das quais apenas se identifica um exemplar individualizável (n.º 67). Após o contributo de Carandini et al. (1981) realizado a partir da estratigrafia de Cartago, as datas de produção, avançadas por Hayes, para o tipo em que esta peça se enquadra (Hayes 91b), recuam de meados do século V para meados do século IV, tendo cessado a sua produção nas primeiras décadas do século VI. Curiosamente, as variantes c e d da forma 91, muito difundidas e de cronologia mais avançada (inícios do século VI-século VII), estão ausentes não só da lixeira como de todo o registo de escavação da *uilla* da Quinta das Longas.

A cronologia de produção das peças em *terra sigillata* hispânica tardia situar-se-á também entre o século IV e os inícios do século V. A garrafa n.º 65 encontra paralelo na *uilla* romana de La Olmeda, em Pedrosa de La Vega, Palência (Palol e Cortez, 1974, p. 116-117, fig. 32, n.º 10) e a taça n.º 66 pertence ao grupo b de Mezquíriz (1981).

Quanto à peça n.º 62, parece ser uma taça hemisférica com decoração do tipo a. Segundo Mezquíriz (1981) e Roca Fernández (1999), este tipo terá tido um apogeu de produção entre os séculos I e II, mas poderá ter chegado também ao século III e IV. Iguais observações poderão ser feitas relativamente à peça n.º 63, forma muito presente em contextos do século I e II, mas que também poderá ter o seu período de produção prolongado até ao século IV. Embora com estas cautelas, incluímos estas peças no conjunto baixo-imperial e não no grupo de materiais remanescentes da *Villa I*, tendo em conta a produção tardia destas formas em *Tritium* e Andújar. Importa ainda lembrar a possibilidade de ter havido uma produção baixo-imperial de *terra sigillata* em Mérida que, a ser confirmada, poderá obrigar a uma revisão das cronologias tradicionalmente aceites para estas formas (cf. Almeida e Carvalho, no prelo).

Os materiais arqueológicos que fornecem elementos cronológicos mais precisos são naturalmente as moedas, das quais foram recolhidas quatro exemplares na lixeira (n.ºs 84-87). À excepção de uma delas (n.º 86), cujas dificuldades de leitura apenas permitem situá-la na 2.ª metade do século IV, todas apresentam datas de cunhagem extraordinariamente homogêneas, centradas exactamente em meados do século IV (entre 337 e 358). Será de admitir que estariam em circulação no *ager emeritensis* durante a segunda metade desse século e inícios do século V.

5. O significado dos materiais da lixeira baixo-imperial da *uilla* da Quinta das Longas

O conjunto artefactual recolhido na lixeira é maioritariamente constituído por elementos associados ao consumo alimentar, como seria de esperar num contexto deste tipo. Os artefactos que não podem filiar-se neste universo tem uma presença residual e repartem-se entre a iluminação, cuidado pessoal/toilette e actividades artesanais. Há ainda um significativo número de artefactos recolhidos na lixeira cuja identificação funcional não é possível e que representam cerca de 29% da amostra em análise.

No que diz respeito aos materiais cuja funcionalidade foi possível determinar, verifica-se que mais de metade está associado à preparação e consumo de alimentos, sendo que as cerâmicas destinadas ao transporte e armazenamento representam apenas 17% do conjunto. Haverá que ter em consideração que alguns dos recipientes destinados a estas funções não sobrevivem em contexto arqueológico: odres, sacas em fibra têxtil ou barricas de madeira seriam certamente utilizados e destes artefactos poucos ou nenhuns vestígios puderam ser identificados. O consumo de ostras na Quinta das Longas (cf. Cardoso e Detry, neste mesmo volume), por exemplo, implica o recurso a barricas de madeira em que as mesmas seriam transportadas vivas em água

salgada (Castro, 1997, p. 72). A possibilidade de associar alguns dos elementos metálicos de fixação recolhidos na lixeira a estes recipientes é atractiva mas, objectivamente, não possuímos dados concretos que a possam validar.

Contudo, mesmo tendo em conta que existiriam recipientes de transporte e armazenamento de bens alimentares que não se conservam na lixeira, a fraca presença deste grupo funcional é facilmente explicada quando interpretada à luz da localização deste depósito no contexto da *uilla* baixo-imperial da Quinta das Longas. Com efeito, esta é uma lixeira da *pars urbana* onde, naturalmente, não é de esperar que se encontrem tantos artefactos deste tipo como na *pars rustica* da *uilla*.

Outra questão que interpretamos face à análise funcional dos espaços da *pars urbana* a que a lixeira estaria associada é a maior presença de recipientes destinados a servir/comer (32%) do que os que se destinavam a preparar/cozinhar (24%). Se estivéssemos em presença de uma lixeira directamente relacionável com um espaço de cozinha, esta relação seria estranha, já que são sempre usados mais recipientes na fase de confecção do que propriamente na de consumo. Além disso, na partilha de funcionalidades, verifica-se que é mais frequente que um recipiente que serviu para preparar e cozinhar seja utilizado no serviço de mesa do que o inverso.

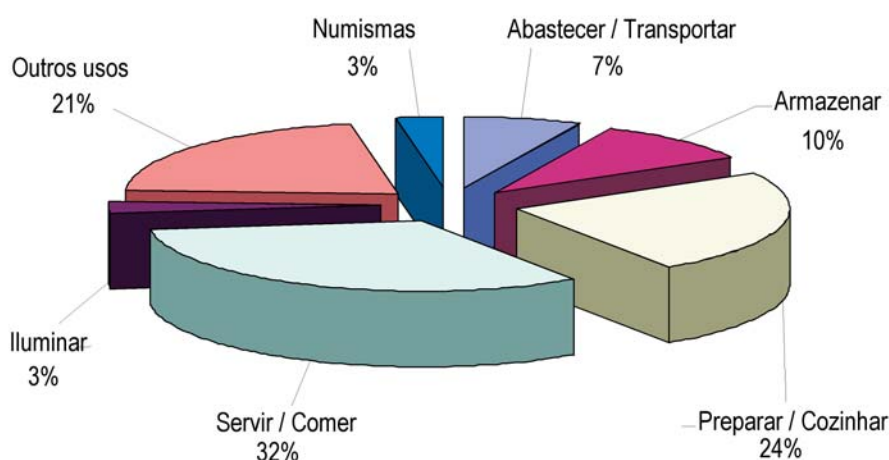


Fig. 8 Categorias funcionais dos artefactos recolhidos na lixeira.

Numa amostra tão reduzida como a da lixeira da Quinta das Longas, contudo, há que ter algumas reservas quanto a este tipo de leituras. Por exemplo, se considerarmos que os pratos (uma das formas com maior número de exemplares reconhecidos) devem ser integrados na categoria preparar/cozinhar (cf. *supra*) a relação já se altera, passando esta categoria a ter um peso de 31% no conjunto. Ainda assim, parece-nos que os dados recolhidos são suficientes para justificar uma maior preponderância da categoria servir/comer face à categoria preparar/cozinhar.

Se atentarmos exclusivamente nas formas cerâmicas, verifica-se efectivamente que as panelas são o recipiente com maior número de exemplares reconhecidos (15), mas apenas encontramos um número superior à dezena entre os pratos e as bilhas/garrafa. Se em relação aos pratos poderá haver dúvidas quanto à sua funcionalidade, as bilhas destinavam-se inequivocamente ao

serviço de mesa. A este grupo de recipientes que claramente se enquadram na categoria servir/comer devemos juntar os potinhos (num total de nove), as taças em *terra sigillata* (cinco exemplares) e o copo de vidro. As tigelas em cerâmica comum (nove exemplares) e a terrina também se enquadrariam neste grupo, ainda que se possa admitir que tenham tido alguma função no processo de preparação de alimentos.

Em qualquer caso, parece-nos significativa a presença de recipientes destinados ao serviço e consumo de líquidos (bilhas/garrafa, potinhos e copo em vidro, além das mais pequenas taças em *terra sigillata*). O facto de não terem sido efectuados estudos em contextos análogos, ou seja correspondentes a um conjunto arqueológico homogéneo do ponto de vista cronológico e funcional, dificulta comparações que pudessem aferir o real significado desta presença. Com efeito, esta impressão estatística poderá constituir um fenómeno comum e não ter especial significado enquanto reflexo dos hábitos de consumo dos habitantes da *villa* baixo-imperial.

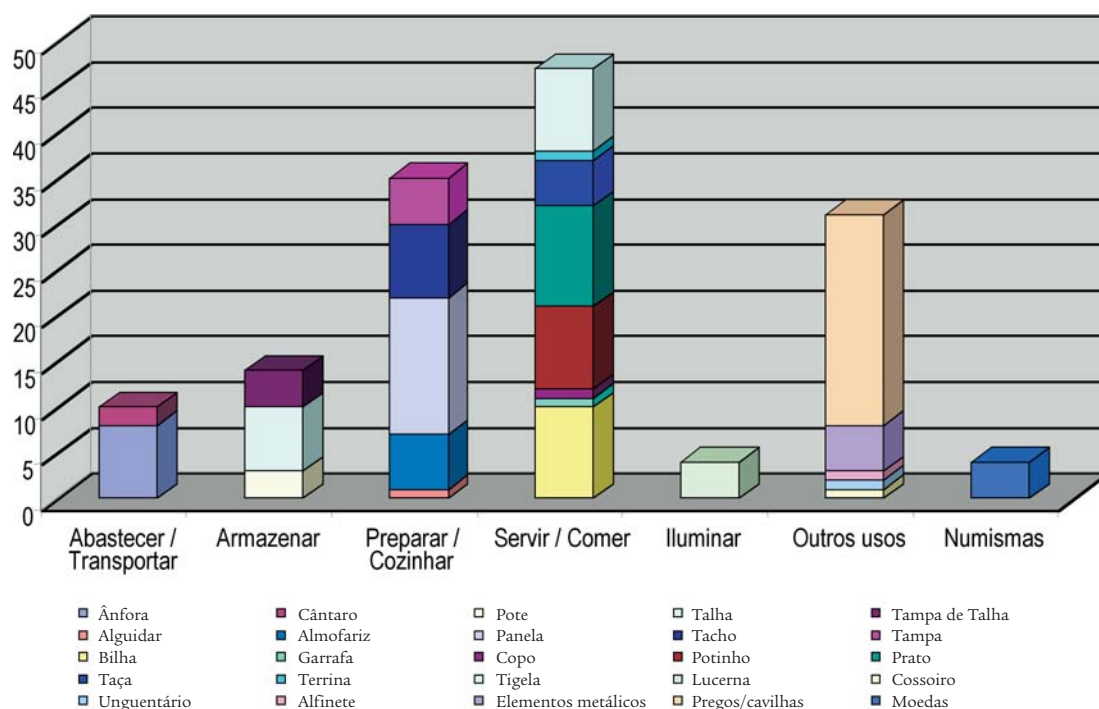


Fig. 9 Artefactos recolhidos na lixeira por categorias funcionais.

Embora com as ressalvas feitas anteriormente, parece-nos que a análise dos artefactos recolhidos na lixeira vem reforçar a interpretação funcional que fazemos do conjunto arquitectónico baixo-imperial. Esta lixeira corresponderá à deposição de resíduos associados ao consumo de bens alimentares no *triclinium* de Verão (1), possivelmente apoiado por uma zona de serviço localizada na sala 20. O facto de se encontrarem menos recipientes destinados à confecção do que ao serviço e consumo reflectiria assim a inexistência de uma cozinha e/ou área de armazenamento na área urbana baixo-imperial.

Esta lixeira, constituída num espaço de tempo relativamente curto como vimos anteriormente, constitui um contexto muito específico e limitado que reflecte os hábitos de consumo alimentar dos proprietários da *villa* durante o Baixo-Império. A fraca representatividade de reci-

pientes em cerâmica dita “de luxo” ou a ausência de vestígios da utilização de metais nobres poderá causar alguma estranheza neste contexto. Contudo, a singularidade dos hábitos alimentares poderá encontrar maior reflexo a nível dos alimentos consumidos (cf. Cardoso e Detry, neste mesmo volume) do que propriamente dos artefactos associados a esse consumo.

Mais uma vez a ausência de estudos em contextos similares dificulta a percepção do real significado dos dados que recolhemos. Com efeito, nem sempre é possível encontrar um contexto arqueológico tão claramente individualizável como este que tratamos, pelo que normalmente os materiais arqueológicos são apresentados considerando a totalidade das áreas escavadas, eventualmente agrupados por critérios de carácter cronológico ou tipológico, o que não permite saber que peso relativo tinham os diferentes tipos de artefacto nos gestos quotidianos. Assim, esta impressão de fraca representatividade de artefactos “de luxo”, numa lixeira associada a um *triclinium* de Verão de uma *uilla* com as características da Quinta das Longas, poderá ser apenas o resultado de uma projecção contemporânea da imagem que elaboramos para este tipo de ambiente em época romana.

Conforme dizíamos no início deste texto, parece-nos que a leitura artefactual da lixeira baixo-imperial da Quinta das Longas, complementada pela análise da fauna recolhida, se reveste de alguma oportunidade na reconstituição do quotidiano dos habitantes da *pars urbana* da *uilla* na sua última fase de ocupação. A filiação destes habitantes nas elites dominantes da capital provincial parece neste momento ser inequívoca (cf. Almeida e Carvalho, no prelo), podendo representar o que seriam os padrões de comportamento e consumo dos terratenentes dos *agri emeritenses*. Os artefactos recolhidos revelam-nos uma economia de escala regional, com a possibilidade de produção local e regional da maioria das cerâmicas recolhidas, com uma relação privilegiada com o litoral com o qual se relacionava através de uma rede de rotas terrestres. A presença de bens alimentares de origem estuarina (ostras e preparados de peixe envasados em ânfora) é, sem dúvida, um reflexo da intensa circulação entre *Augusta Emerita* e o porto de *Olisipo*, situado a uns escassos cinco dias de viagem.

NOTAS

* Investigadora associada do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ)

** Director do Departamento de Cultura da Câmara Municipal de Cascais e Investigador associado do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ)

¹ O presente trabalho teve a colaboração, que os autores agradecem, de S. Pombal ao nível da documentação das colecções e de J. Ruivo no que diz respeito à classificação e estudo dos numismas recolhidos. A documentação fotográfica é da responsabilidade do projecto PEVLONG / A. Carvalho. As plantas do sítio foram fixadas por T. Almeida e P. Antunes com base nos levantamentos gráficos efectuados pela equipa do projecto PEVLONG.

² Para um conhecimento mais detalhado dos trabalhos de escavação já realizados, das diferentes fases de ocupação identificadas e estruturas exumadas na *uilla* romana da Quinta das Longas, cf. Carvalho e Almeida (1999-2000) e Carvalho e Almeida (2003).

³ Os espaços funcionais da *uilla* são referidos pelo correspondente número de compartimento (indicado entre parêntesis curvo) constante na fig. n.º 11.

⁴ As referências a cores seguem a tabela *Munsell Munsell soil color charts*. (1975). Baltimore/Maryland: Macbeth.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCÃO, J. (1974) - *Cerâmica comum local e regional de Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra/Faculdade de Letras. (Suplemento da Biblos, 8).
- ALARCÃO, J.; DELGADO, M.; MAYET, F.; ALARCÃO, A. M.; PONTE, S. (1976) - *Ceramiques Diverses et Verres*. In ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R. - *Fouilles de Conimbriga*. VI. Paris: E. de Boccard.
- ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R.; MAYET, F. (1990) - *As Villas Romaines de São Cucufate (Portugal)*. Paris: E. de Boccard.
- ALMEIDA, M. J.; CARVALHO, A. (1998) - Ânforas da uilla romana da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas): resultados de 1990-1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 1:2, p. 137-163.
- ALMEIDA, M. J.; CARVALHO, A. (no prelo) - Vias e circulação de produtos no SW do *Conuentus Emeritensis*: o exemplo da Quinta das Longas (Elvas, Portugal). In *V Mesa Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana: Las Comunicaciones*. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- Atlante delle Forme ceramiche I Cerâmica fina romana nel bacino mediterraneo (medio e tardo imperio)*. Roma, 1981.
- BELTRÁN, M. (1990) - *Guía de la cerámica romana*. Zaragoza: Libros Pórtico.
- CALDERÓN FRAÍLE, M. N. (2000) - Sobre ánforas romanas halladas en Mérida. *Excavaciones Arqueológicas en Mérida. Memoria 2000*. Mérida, 6, p. 361-370.
- CARANDINI, A. (1981) - *Storia dalla terra. Manuale dello scavo archeologico*. Bari: De Donato.
- CARANDINI, A.; TORTORELLA, S.; SAGUI, L.; TORTORICI, E. (1981) - Ceramica africana. In *Atlante delle Forme ceramiche. Cerâmica fina romana nel bacino mediterraneo (medio e tardo imperio)*. Enciclopedia dell'Arte Antica Classica ed Orientale. Roma, 1.
- CARVALHO, A.; ALMEIDA, M. J. (1999-2000) - A uilla romana da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas): uma década de trabalhos arqueológicos (1991-2001). *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre*. Lisboa. 13-14, p. 13-37.
- CASTRO, I. O. (1997) - *O Livro de cozinha de Apício: um breviário do gosto imperial romano*. Sintra: Colares Editora.
- CARVALHO, A.; ALMEIDA, M. J. (2003) - A água e o mármore na uilla baixo-imperial da Quinta das Longas. *Elvas-Caia. Revista Internacional de Cultura e Ciência*. Lisboa/Elvas. 1, p. 113-126.
- DELGADO, M.; MAYET, F.; ALARCÃO, A. M. (1975) - *Les Sigillées*. In ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R. - *Fouilles de Conimbriga*. IV. Paris: E. de Boccard.
- DIAS, M. I.; PRUDÊNCIO, M. I.; CARVALHO, A.; ALMEIDA, M. J. (2004) - Ceramics of the Roman Villa of Quinta das Longas (Elvas, Portugal). A first provenance study. In *34th International Symposium on Archaeometry*, Zaragoza. (poster).
- FABIÃO, C. (1993-1994) - O azeite da Baetica na Lusitânia. *Conimbriga*. Coimbra. 32-33, p. 219-245.
- GONÇALVES, V. S.; CARVALHO, A.; POMBAL, S. (2003) - A ocupação pré-histórica da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- HARRIS, E. C. (1979) - *Principles of Archaeological Stratigraphy*. London: Academic Press Limited.
- HAYES, J. W. (1972) - *Late Roman Pottery*. London: British School at Rome.
- HAYES, J. W. (1980) - *Late Roman Pottery: another ten years*. London: British School at Rome.
- ISINGS, C. (1957) - *Roman Glass from dated finds*. Groningen/Djakarta: Academiae Rheno-Traiectinae Instituto Archaeologico.
- LOPES, M. C. (1994) - *A Sigillata de Represas: tratamento informático*. Coimbra: Universidade.
- MESQUÍRIZ, M. A. (1981) - Terra Sigillata Hispanica. In *Atlante delle Forme ceramiche. Ceramica fina romana nel bacino mediterraneo (medio e tardo imperio)*. Enciclopedia dell'Arte Antica Classica ed Orientale. Roma, 2, p. 97-174.
- Munsell soil color charts*. (1975). Baltimore/Maryland: Macbeth.
- NOLEN, J. U. S. (1985) - *Cerâmica Comum de Necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.
- NOLEN, J. (1988) - A uilla romana do Alto do Cidreira (Cascais) - Os materiais. *Conimbriga*. Coimbra. 27, p. 61-140.
- NOLEN, J. U. S. (1993) - *A cerâmica comum*. In MEDINA, J. - *História de Portugal*, 2, Lisboa: Ediclube. p. 288-298.
- PALOL, P.; CORTES, J. (1974) - *La Villa Romana de la Olmeda, Pedrosa de La Vega (Palencia)*. *Excavaciones de 1969 y 1970*, vol.1. Madrid: Ministério de Educación y Ciencia/Dirección General del Patrimonio Artístico y Cultural. (Acta Arqueologica Hispanica; 7).
- PINTO, I. V. (2003) - *A cerâmica comum das uillae romanas de São Cucufate (Beja)*. Lisboa: Universidade Lusíada.
- ROCA, M.; FERNÁNDEZ, M. I., eds. (1999) - *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales, Homenaje a M. Ángeles Mesquíz*. Jaén: Universidad; Málaga: Universidad.
- RÜTTI, B. (1991) - *Die römischen Gläser aus August und Kaiseraugst*. Augst: Rörmuseum Augst.
- RODRÍGUEZ MARTÍN, F. G. (2002) - *Lucernas romanas del Museo Nacional de Arte Romano (Mérida)*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano (Monografías Emeritenses; 7).

- ROURE I BONAVENTURA, A.; CASTANYER I MASOLIVER, P.; NOLLA I BRUFAU, J. M.; KEAY, S. J.; TARRÚS I GALTER, J. (1988) - *La villa romana de Vilauba (Camós). Estudi d'un assentament rural (campanyes de 1979-85)*. Girona: Diputació.
- VIEGAS, C. (2003) - *A terra sigillata da Alcáçova de Santarém. Cerâmica, economia e comércio*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 26).

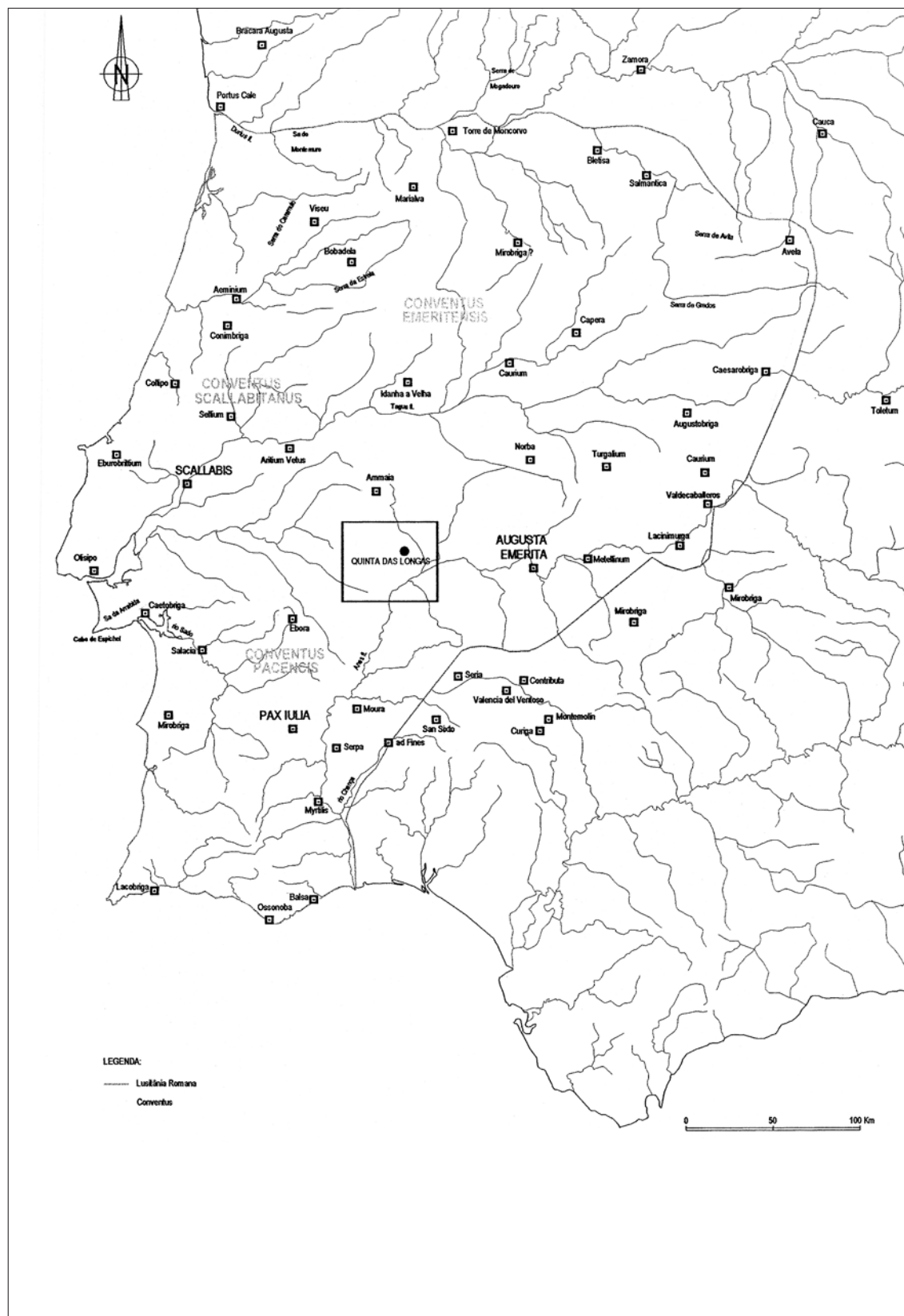


Fig. 10 A villa romana da Quinta das Longas (Elvas) na Lusitânia.



Fig. 11 Planta da *pars urbana* da uilla romana da Quinta das Longas, após a 12.^a campanha (2003).

Anexos

I Listagem de artefactos recolhidos na lixeira

* brd = fragmento de bordo

fnd = fragmento de fundo

arr. asa = fragmento de bojo com arranque de asa

r.int. = fragmento ou conjunto de fragmentos que permitem reconstituição integral da forma

Ref. Estratigráfica			N.º inv.	N.º catálogo	Material/Tipo		Designação	Descrição*
QL	5(95)	[26]/[52]	529	2	cerâmica	armazenamento/transporte	Ânfora	brd/asa
QL	3(93)/5(95)	[26]/[52]	530	1	cerâmica	armazenamento/transporte	Ânfora	brd/bojo/asa
QL	5(95)	[26]	531	3	cerâmica	armazenamento/transporte	Ânfora	fnd
QL	5(95)	[52]	532	4	cerâmica	armazenamento/transporte	Ânfora	fnd
QL	3(93)	[26]	533	5	cerâmica	armazenamento/transporte	Ânfora	fnd
QL	2(92)	[52]	635		cerâmica	armazenamento/transporte	Ânfora	asa
QL	3(93)	[52]	650		cerâmica	armazenamento/transporte	Ânfora	bojo
QL	5(95)	[26]	649		cerâmica	armazenamento/transporte	Ânfora	bojo
QL	2(92)	[52]	14	6	cerâmica	armazenamento/transporte	Cântaro	brd/bojo
QL	3(93)	[26]	28	7	cerâmica	armazenamento/transporte	Cântaro	brd/arr. asa
QL	3(93)	[26]	23	9	cerâmica	armazenamento/transporte	Talha	brd
QL	3(93)	[26]	24	8	cerâmica	armazenamento/transporte	Talha	brd
QL	3(93)	[26]	25	10	cerâmica	armazenamento/transporte	Talha	brd
QL	2(92)	[52]	26		cerâmica	armazenamento/transporte	Talha	brd
QL	2(92)	[52]	37	11	cerâmica	armazenamento/transporte	Talha	brd
QL	5(95)	[26]	89		cerâmica	armazenamento/transporte	Talha	brd
QL	5(95)	[52]	93		cerâmica	armazenamento/transporte	Talha	brd
QL	5(95)	[26]	72	73	cerâmica	comum	Cossoiro	r.int
QL	5(95)	[52]	109	18	cerâmica	comum	Alguidar	brd/bojo
QL	2(92)	[52]	9	20	cerâmica	comum	Almofariz	brd
QL	3(93)	[26]	13	21	cerâmica	comum	Almofariz	brd/bojo
QL	2(92)	[52]	54	23	cerâmica	comum	Almofariz	brd
QL	4(94)	[52]	55	22	cerâmica	comum	Almofariz	brd/bojo
QL	4(94)	[26]	56	55	cerâmica	comum	Almofariz	brd
QL	5(95)	[52]	62	19	cerâmica	comum	Almofariz	brd/bojo
QL	1(91)	[26]	15	61	cerâmica	comum	Bilha	brd/bojo/asa
QL	3(93)	[26]	31		cerâmica	comum	Bilha	brd
QL	2(92) e 3(93)	[26]/[52]	35	60	cerâmica	comum	Bilha	brd/bojo/asa
QL	1(91) e 2(92)	[26]/[52]	38	57	cerâmica	comum	Bilha	r.int
QL	4(94)	[52]	60		cerâmica	comum	Bilha	brd/bojo
QL	4(94)	[26]	80		cerâmica	comum	Bilha	brd
QL	2(92)	[52]	86		cerâmica	comum	Bilha	brd/bojo
QL	3(93)	[26]	87	92	cerâmica	comum	Bilha	brd/bojo
QL	2(92)	[52]	88	59	cerâmica	comum	Bilha	brd
QL	3(93)/5(95)	[26]/[52]	92	58	cerâmica	comum	Bilha	brd/bojo
QL	2(92)	[52]	22		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd/bojo
QL	3(93)	[52]	30		cerâmica	comum	Indeterminada	brd
QL	3(93)	[26]	32		cerâmica	comum	Indeterminada	brd
QL	3(93)	[26]	34		cerâmica	comum	Indeterminada	brd
QL	2(92)	[52]	76	96	cerâmica	comum	Indeterminada	brd
QL	1(91)	[26]	77		cerâmica	comum	Indeterminada	brd/bojo
QL	4(94)	[52]	81	56	cerâmica	comum	Indeterminada	brd
QL	2(92)	[52]	84		cerâmica	comum	Indeterminada	brd
QL	4(94)	[26]	101		cerâmica	comum	Indeterminada	brd
QL	5(95)	[52]	102		cerâmica	comum	Indeterminada	brd
QL	5(95)	[52]	103		cerâmica	comum	Indeterminada	brd

Ref. Estratigráfica			N.º inv.	N.º catálogo	Material/Tipo		Designação	Descrição*
QL	3(93)	[26]	170		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	5(95)	[26]	171		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	4(94)	[26]	172		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	3(93)	[26]	173		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	3(93)	[26]	174		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	4(94)	[26]	175		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	3(93)	[26]	176		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	3(93)	[26]	177		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	5(95)	[26]	178		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	3(93)	[52]	648		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	5(95)	[52]	1876		cerâmica	comum	Indeterminada	brd
QL	5(95)	[52]	1877		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	4(94)	[52]	1878		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	4(94)	[52]	1879		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	2(92)	[52]	1880		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	4(94)	[52]	1881		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	3(93)	[52]	1882		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	4(94)	[52]	1883		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	4(94)	[52]	1884		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	4(94)	[52]	1885		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	2(92)/3 (93)	[52]	1886		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd/bojo
QL	2(92)	[52]	1887		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	2(92)	[52]	1888		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	5(95)	[52]	1889		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	2(92)	[52]	1890		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	2(92)	[52]	1891		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	2(92)	[52]	1892		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	5(95)	[52]	1893		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	5(95)	[52]	1894		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	5(95)	[52]	1895		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	5(95)	[52]	1896		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	2(92)	[52]	1897		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	3(93)	[52]	1898		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	3(93)	[52]	1899		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	4(94)	[52]	1901		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	2(92)	[52]	1902		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	2(92)	[52]	1903		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	3(93)/ 4(94)	[52]	1904		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	3(93)	[26]	3017		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd
QL	2(92)	[52]	3018		cerâmica	comum	Indeterminada	fnd/bojo
QL	3(93)	[26]	5	24	cerâmica	comum	Panela	brd/bojo
QL	3(93)	[26]	6	28	cerâmica	comum	Panela	brd/bojo
QL	2(92)	[52]	11		cerâmica	comum	Panela	brd
QL	1(91) e 2(92)	[26]/[52]	17	31	cerâmica	comum	Panela	brd/bojo
QL	2(92)/ 3(93)	[52]	18	29	cerâmica	comum	Panela	brd/bojo
QL	2(92)	[52]	19		cerâmica	comum	Panela	brd
QL	4(94)	[52]	48		cerâmica	comum	Panela	brd
QL	3(93) e 5(95)	[26]/[52]	49	30	cerâmica	comum	Panela	r.int
QL	5(95)	[26]	57		cerâmica	comum	Panela	brd
QL	2(92)	[52]	58	25	cerâmica	comum	Panela	brd/bojo
QL	2(92)	[52]	59		cerâmica	comum	Panela	brd
QL	5(95)	[26]	63	27	cerâmica	comum	Panela	brd/bojo
QL	3(93)	[26]	64	25	cerâmica	comum	Panela	brd/bojo
QL	5(95)	[52]	74		cerâmica	comum	Panela	brd/bojo
QL	2(92)	[52]	85	26	cerâmica	comum	Panela	brd/asa
QL	3(93)	[52]	61	13	cerâmica	comum	Pote	brd/bojo
QL	4(94)	[52]	78	12	cerâmica	comum	Pote	brd/bojo

Ref. Estratigráfica			N.º inv.	N.º catálogo	Material/Tipo		Designação	Descrição*
QL	5(95)	[52]	98		cerâmica	comum	Pote	brd
QL	2(92)/4(94)	[52]/[117]	8	53	cerâmica	comum	Potinho	brd
QL	1(91) e 2(92)	[26]/[52]	16	56	cerâmica	comum	Potinho	brd/bojo/asa
QL	1(91)	[26]	21	55	cerâmica	comum	Potinho	brd/bojo/asa
QL	3(93)	[52]	29	54	cerâmica	comum	Potinho	r.int
QL	4(94)	[52]	45		cerâmica	comum	Potinho	brd
QL	4(94)	[52]	46		cerâmica	comum	Potinho	brd
QL	4(94)	[26]	47		cerâmica	comum	Potinho	brd
QL	5(95)	[52]	65		cerâmica	comum	Potinho	brd/bojo
QL	5(95)	[52]	79		cerâmica	comum	Potinho	brd
QL	3(93)	[26]	1	47	cerâmica	comum	Prato	r.int
QL	3(93)	[52]	2	49	cerâmica	comum	Prato	brd/bojo
QL	2(92)	[52]	3	44	cerâmica	comum	Prato	brd
QL	3 (93)	[52]	4	46	cerâmica	comum	Prato	brd/bojo
QL	4(94)	[52]	41	52	cerâmica	comum	Prato	brd
QL	5(95)	[52]	70	50	cerâmica	comum	Prato	brd
QL	5(95)	[26]	100	45	cerâmica	comum	Prato	brd
QL	1(91)	[26]	393		cerâmica	comum	Prato	brd
QL	5(95)	[26]	551	51	cerâmica	comum	Prato	brd
QL	2(92)	[52]	1875	48	cerâmica	comum	Prato	brd
QL	3(93)	[26]	3012		cerâmica	comum	Prato	brd
QL	2(92)	[52]	7	36	cerâmica	comum	Tacho	brd
QL	3(93)	[26]	10	34	cerâmica	comum	Tacho	brd
QL	3(93)	[26]	12	33	cerâmica	comum	Tacho	brd
QL	4(94)	[52]	44	35	cerâmica	comum	Tacho	brd
QL	5(95)	[52]	53		cerâmica	comum	Tacho	brd
QL	5(95)	[52]	73	37	cerâmica	comum	Tacho	brd
QL	5(95)	[26]	99		cerâmica	comum	Tacho	brd
QL	5(95)	[52]	1874	32	cerâmica	comum	Tacho	brd
QL	2(92)	[52]	39	14	cerâmica	comum	Tampa	brd
QL	4(94)	[26]	40		cerâmica	comum	Tampa	brd
QL	5(95)	[26]	66	16	cerâmica	comum	Tampa	brd/bojo
QL	5(95)	[52]	68	17	cerâmica	comum	Tampa	brd/bojo
QL	5(95)	[26]	82	15	cerâmica	comum	Tampa	brd/bojo
QL	4(94)	[26]	104		cerâmica	comum	Tampa	brd
QL	5(95)	[26]	3058		cerâmica	comum	Tampa	brd
QL	5(95)	[52]	67	57	cerâmica	comum	Tampa de talha	brd/bojo
QL	2(92)	[26]	96		cerâmica	comum	Tampa de talha	brd
QL	5(95)	[52]	97		cerâmica	comum	Tampa de talha	brd
QL	4(94)	[26]	3013		cerâmica	comum	Tampa de talha	brd
QL	5(95)	[52]	105	38	cerâmica	comum	Terrina	brd
QL	2(92)	[52]	20	43	cerâmica	comum	Tigela	brd
QL	3(93)	[26]	42		cerâmica	comum	Tigela	brd
QL	4(94)	[26]	43		cerâmica	comum	Tigela	brd
QL	5(95)	[26]	50	42	cerâmica	comum	Tigela	brd
QL	4(94)	[52]	69	40	cerâmica	comum	Tigela	brd/bojo
QL	5(95)	[26]	71		cerâmica	comum	Tigela	brd/bojo
QL	5(95)	[52]	75	41	cerâmica	comum	Tigela	brd
QL	3(93)	[52]	83	39	cerâmica	comum	Tigela	brd
QL	3(93)	[52]	1308		cerâmica	comum	Tigela	brd
QL	4(94)	[52]	94	70	cerâmica	iluminação	Lucerna	disc/orla/asa
QL	3(93)	[52]	95	71	cerâmica	iluminação	Lucerna	disc/orla/dep
QL	5(95)	[52]	1448	72	cerâmica	iluminação	Lucerna	disc
QL	5(95)	[52]	1458		cerâmica	iluminação	Lucerna	dep
QL	5(95)	[52]	3057	64	cerâmica	TS	Taça	brd
QL	1(91) e 2(92)	[1]/[26]/ [52]	91	67	cerâmica	TS clara D	Taça	brd/bojo/fnd
QL	2(92)	[52]	1309	62	cerâmica	TS hispânica	Taça	brd

<i>Ref. Estratigráfica</i>	<i>N.º inv.</i>	<i>N.º catálogo</i>	<i>Material/Tipo</i>	<i>Designação</i>	<i>Descrição*</i>
QL 2(92) [52]	3056	63	cerâmica TS hispânica	Taça	brd
QL 3(93) [26]	483	65	cerâmica TS HT	Garrafa	brd
QL 3(93) [26]	90	66	cerâmica TS HT	Taça	brd/bojo
QL 2(92) [26]	440	86	metal bronze	moeda (AE)	
QL 2(92) [52]	445	87	metal bronze	moeda (Ae 3)	
QL 5(95) [52]	449	88	metal bronze	moeda (Ae 4)	
QL 5(95) [52]	457	89	metal bronze	moeda (follis)	
QL 2(92) [52]	2941	77	metal chumbo	Indeterminada	
QL 3(93) [52]	2975		metal chumbo	Indeterminada	
QL 4(94) [52]	2986	79	metal cobre (?)	Pega	
QL 3(93) [52]	2978		metal cobre ou bronze (?)	Indeterminada	
QL 5(95) [52]	2981	78	metal ferro	Argola	
QL 3(93) [52]	2979		metal ferro	Cavilha	
QL 5(95) [52]	1254	75	metal ferro	Gancho	
QL 4(94) [52]	1046		metal ferro	Indeterminada	
QL 2(92) [52]	2928		metal ferro	Indeterminada	
QL 2(92) [52]	2940	76	metal ferro	Indeterminada	
QL 2(92) [52]	2942		metal ferro	Indeterminada	
QL 5(95) [52]	2983		metal ferro	Indeterminada	
QL 5(95) [52]	1180		metal ferro	Prego	
QL 2(92) [52]	2929		metal ferro	Prego	
QL 2(92) [52]	2930		metal ferro	Prego	
QL 2(92) [52]	2931		metal ferro	Prego	
QL 2(92) [52]	2932		metal ferro	Prego	
QL 2(92) [52]	2933		metal ferro	Prego	
QL 2(92) [52]	2934		metal ferro	Prego	
QL 2(92) [52]	2935		metal ferro	Prego	
QL 2(92) [52]	2936		metal ferro	Prego	
QL 2(92) [52]	2937	80	metal ferro	Prego	
QL 2(92) [52]	2938	81	metal ferro	Prego	
QL 2(92) [52]	2939		metal ferro	Prego	
QL 3(93) [52]	2971		metal ferro	Prego	
QL 3(93) [52]	2972		metal ferro	Prego	
QL 3(93) [52]	2973		metal ferro	Prego	
QL 3(93) [52]	2974		metal ferro	Prego	
QL 3(93) [52]	2976		metal ferro	Prego	
QL 3(93) [52]	2977	82	metal ferro	Prego	
QL 3(93) [52]	2980		metal ferro	Prego (?)	
QL 5(95) [52]	2982	83	metal ferro	Prego	
QL 4(94) [52]	2984		metal ferro	Prego	
QL 4(94) [52]	2985		metal ferro	Prego	
QL 2(92) [52]	2943	84	metal ferro	Tacha	
QL 2(92) [52]	2944	85	metal ferro	Tacha	
QL 3(93) [52]	1872	74	osso	Alfinete	
QL 3(93) [26]	412	69	vidro	Copo	brd
QL 3(93) [26]/[52]	435	68	vidro	Unguentário	brd

II Catálogo de materiais

Referência estratigráfica. n.º de inventário
Designação
Material/Tipo
Estado de conservação
Descrição
Diâmetro de abertura
Tratamento de superfícies externa/interna
Cozedura
Cor da pasta (Munsell color chart)

1. Ânfora

QL3(93)/5(95)A[26]/[52].530
Cerâmica armazenamento/transporte
Fragmentada passível de reconstituição parcial
Bocal de ânfora da classe 23 (Almagro 51c)
90 mm
alisamento e engobe (vestígios)/alisamento e engobe (vestígios)
oxidante
cor-de-rosa (5 YR 7/4)

2. Ânfora

QL5(95)A[26]/[52]. 529
Cerâmica
armazenamento/transporte
Fragmentada passível de reconstituição muito parcial
Bocal de ânfora da classe 23 (Almagro 51c)
92 mm
alisamento/alisamento e engobe
oxidante
amarelo avermelhado (5 YR 6/6)

3. Ânfora

QL5(95)A[26].531
Cerâmica armazenamento/transporte
Fragmento isolado passível de reconstituição muito parcial
Fundo de ânfora da classe 23 (Almagro 51c)
Alisamento/alisamento e aguada
Oxidante
vermelho (10 R 5/8)

4. Ânfora

QL5(95)A[52].532

Cerâmica armazenamento/transporte

Fragmento isolado passível de reconstituição muito parcial

Fundo de ânfora da classe 23 (Almagro 51c)

alisamento e engobe/?

oxidante

castanho pálido (10 YR 6/3)

5. Ânfora

QL3(93)A[26].533

Cerâmica armazenamento/transporte

Fragmento isolado passível de reconstituição muito parcial

Fundo de ânfora da classe 23 (Almagro 51c)

Alisamento/alisamento

Oxidante

amarelo avermelhado (5 YR 6/6)

6. Cântaro

QL2(92)A[52].14

Cerâmica armazenamento/transporte

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Cântaro de bojo (ovóide?) com bordo voltado para o exterior e colo estrangulado.

100 mm

alisamento e engobe (vestígios do pincel que o aplicou)/alisamento e engobe

oxidante

cinzento rosado (7.5 YR 7/2)

7. Cântaro

QL3(93)A[26].28

Cerâmica armazenamento/transporte

Fragmento de bordo, bojo e colo com arranque de asa, passível de reconstituição parcial

Bordo espessado interna e externamente do qual arranca uma asa de fita.

156 mm

alisamento/alisamento

reduzida

castanho avermelhado (5 YR 5/4)

8. Talha

QL3(93)A[26].24

Cerâmica armazenamento/transporte

Fragmento de bordo isolado passível de reconstituição parcial. Bordo horizontal espessado

internamente. Duas linhas incisas paralelas à linha de bordo individualizando o bordo do bojo.

551 mm

alisamento, aparentemente feito com recurso a um pincel/alisamento, aparentemente feito com recurso a um pincel

oxidante

castanho avermelhado (5 YR 4/4)

9. Talha

QL3(93)A[26].23

Cerâmica armazenamento/transporte

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial. Bordo horizontal quase indiferenciado da parede ligeiramente espessado internamente. Duas linhas incisas paralelas à linha de bordo individualizando o bordo do bojo. Fortes vestígios de desgaste pelo uso na superfície interna. Vestígios de exposição a fogo pós-deposicional.

649 mm

alisamento/vestígios de alisamento forte, sobretudo na face interna do bordo

oxidante

castanho (7.5 YR 5/4)

10. Talha

QL3(93)A.[26].25

Cerâmica armazenamento/transporte

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo horizontal amendoado. Duas linhas incisas paralelas à linha de bordo na superfície externa marcando a separação do bordo com o bojo e uma canelura paralela a 105 mm de distância; imediatamente abaixo desta última conserva-se parte de um grafito. Vestígios de fogo pós-deposicional na superfície interna.

715 mm

alisamento/alisamento, aparentemente feito com recurso a um pincel

oxidante

castanho avermelhado (5 YR 4/3)

11. Talha

QL2(92)A[52].37

Cerâmica armazenamento/transporte

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Bordo direito. Exemplar de pequenas dimensões.

165 mm

alisamento/alisamento

reduzida com arrefecimento oxidante

castanho avermelhado claro (5 YR 6/3)

12. *Pote*

QL4(94)A[52].78

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo direito ligeiramente voltado para o exterior com duas caneluras paralelas à linha de bordo e paredes oblíquas.

140 mm

alisamento e aguada/alisamento

oxidante

amarelo avermelhado (5 YR 6/6)

13. *Pote*

QL3(93)A[52].61

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Bordo simples voltado para o exterior. Ligação do colo com o bojo marcada na face externa por uma linha em relevo.

188 mm

alisamento e engobe/alisamento

oxidante

vermelho (2.5 YR 4/6)

14. *Tampa*

QL2(92)A[52].39

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Bordo ligeiramente arredondado indiferenciado da parede oblíqua.

200 mm

alisamento/alisamento

oxidante

castanho pálido (10YR 6/3)

15. *Tampa*

QL.5(95)A[26].82

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Bordo recto indiferenciado da parede oblíqua.

214 mm

alisamento/alisamento

oxidante

vermelho amarelado (5 YR 5/6)

16. Tapa

QL5(95)A[26].66

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Bordo recto indiferenciado da parede oblíqua.

212 mm

alisamento/alisamento

reduzida com arrefecimento oxidante

cinzento (5 Y 4/1)

17. Tapa

QL5(95)A[52].68

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Bordo recto indiferenciado da parede oblíqua. Linha incisa sensivelmente a meio (?) da peça.

215 mm

alisamento/alisamento e engobe

oxidante

vermelho amarelado (5 YR 5/6)

18. Alguizar

QL5(95)A[52].109

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição integral.

Bordo em aba oblíqua, parede pouco arqueada e fundo plano.

435 mm

alisamento e aguada/alisamento e vestígios de aguada

oxidante

castanho (10 YR 5/3)

19. Almofariz

QL5(95)A[52].62

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo direito duplamente espessado com ressalto exterior.

208 mm

alisamento/alisamento

oxidante

castanho (10 YR 5/3)

20. *Almofariz*

QL2(92)A[52].9

Cerâmica comum

Fragmento de bordo isolado passível de reconstituição muito parcial

Bordo direito duplamente espessado com ressalto exterior.

232 mm

alisamento/alisamento

reduzida

cinzento (5 Y 5/1)

21. *Almofariz*

QL3(93)A[26].13

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo direito com ressalto exterior descaído e parede oblíqua.

343 mm

alisamento e engobe/alisamento e engobe

oxidante

castanho (7.5 YR 5/4)

22. *Almofariz*

QL4(94)A[52].55

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo em aba amendoada.

391 mm

alisamento e aguada/alisamento e aguada

reduzida

vermelho pálido (2.5 YR 5/2)

23. *Almofariz*

QL2(92)A[52].54

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Bordo voltado para o exterior formando aba.

alisamento e aguada/alisamento e aguada

oxidante

castanho (7.5 YR 5/4)

24. Panela

QL3(93)A[26].5

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição quase integral

Panela de bojo ovóide com bordo simples voltado para o exterior e fundo provavelmente plano.

106 mm

polimento/alisamento

oxidante

cinzento muito escuro (10 YR 3/1)

25. Panela

QL2(92)A[52].58

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Bordo oblíquo voltado para o exterior e paredes oblíquas. Ligação entre o bordo e bojo marcada por uma canelura paralela à linha de bordo.

120 mm

alisamento e engobe/alisamento

oxidante

castanho avermelhado (5 YR 5/4)

26. Panela

QL2(92)A[52].85

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição muito parcial

Bordo simples voltado para o exterior com arranque de asa de fita.

133 mm

alisamento/alisamento

oxidante

castanho avermelhado (5 YR 5/4)

27. Panela

QL5(95)A[26].63

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição muito parcial

Bordo simples voltado para o exterior. Ligação entre o bordo e o bojo formando um colo curto marcado por dois sulcos. Vestígios de utilização no fogo.

198 mm

alisamento/alisamento

oxidante

castanho avermelhado (5 YR 4/4)

28. *Panela*

QL3(93)A[26].6

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo simples voltado para o exterior e parede ligeiramente arqueada. Apresenta vestígios de intensa utilização em contacto com o fogo.

197 mm

alisamento cuidado/alisamento

oxidante

cinzento muito escuro (2.5 YR 3/0)

29. *Panela*

QL2(92)/ 3(93)A[52].18

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo voltado para o exterior formando aba horizontal descolada do bojo e parede oblíqua ligeiramente arqueada. Na parte conservada é decorada com uma banda polida paralela à linha de bordo.

115 mm

alisamento e polimento/alisamento

reduzida

cinzento (7.5 YR 5/0)

30. *Panela*

QL3(93) e 5(95)A.[26]/[52]. 49

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição integral

Panela de bojo piriforme com bordo dobrado sobre o ombro e fundo plano. Decorada na metade superior da peça com três bandas polidas estreitas seguidas de uma banda larga e outra estreita igualmente polidas.

119 mm

alisamento e polimento/alisamento

reduzida

vermelho pálido (2.5 YR 6/2)

31. *Panela*

QL1(91)e 2(92)A[26]/[52].17

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição quase integral

Panela de bojo globular com bordo voltado para o exterior formando aba horizontal descolada do bojo. Decorada no terço superior com duas bandas polidas paralelas à linha de bordo.

184 mm

alisamento e polimento/alisamento

reduzida
cinzento (10 YR 5/1)

32. *Tacho*

QL5(95)A[52].1874
Cerâmica comum
Fragmento isolado passível de reconstituição parcial
Bordo dobrado sobre o ombro.
119 mm
alisamento/alisamento
reduzida
cinzento muito escuro (10 YR 3/1)

33. *Tacho*

QL3(93)A[26].12
Cerâmica comum
Fragmento isolado passível de reconstituição parcial
Bordo voltado para o exterior formando aba horizontal descolada do bojo (e parede oblíqua?).
140 mm
alisamento/alisamento
reduzida
cinzento avermelhado (5 YR 5/2)

34. *Tacho*

QL3(93)A[26].10
Cerâmica comum
Fragmentada passível de reconstituição parcial
Bordo horizontal voltado para o exterior e parede oblíqua.
145 mm
alisamento/alisamento
reduzida
cinzento rosado (5 YR 6/2)

35. *Tacho*

QL4(94)A.[52].44
Cerâmica comum
Fragmento isolado passível de reconstituição parcial
Tacho (de bojo ovoíde?) com bordo horizontal dobrado sobre o ombro e parede arqueada.
165 mm
alisamento/alisamento
oxidante
castanho avermelhado claro (2.5YR 6/4)

36. *Tacho*

QL2(92)A[52].7

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo voltado para o exterior formando aba horizontal descolada do bojo e parede arqueada.

208 mm

engobe/alisamento

oxidante

vermelho (2.5 YR 4/6)

37. *Tacho*

QL5(95)A[52].73

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição muito parcial

Bordo horizontal voltado para o exterior com sulco no topo.

243 mm

alisamento/alisamento

oxidante

cinzento escuro avermelhado (5 YR 4/2)

38. *Terrina*

QL5(95)A[52].105

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição muito parcial

Bordo alto e direito com ressalto exterior.

271 mm

alisamento/alisamento

reduzida

cinzento (10 YR 5/1)

39. *Tigela*

QL3(93)A[52].83

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo simples e parede oblíqua.

Três sulcos na face interna e canelura na face externa no (primeiro terço?) da peça.

305 mm

alisamento/alisamento

oxidante

castanho (10 YR 5/3)

40. Tigela

QL4(94)A[52].69

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Tigela hemisférica com bordo simples.

109 mm

[superfície mal conservada]/alisamento

oxidante

vermelho amarelado (5 YR 5/6)

41. Tigela

QL5(95)A[52].75

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Bordo simples e parede arqueada. Dois sulcos na face interna imediatamente abaixo da linha do bordo e um na face externa sensivelmente a (meio?) do bojo.

196 mm

alisamento e engobe/alisamento e engobe

reduzida com arrefecimento oxidante

castanho avermelhado (5 YR 5/4)

42. Tigela

QL5(95)A[26].50

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Tigela (hemisférica?) com bordo ligeiramente voltado para o interior.

222 mm

alisamento e aguada/alisamento

oxidante

cor-de-rosa (7.5 YR 7/4)

43. Tigela

QL2(92)A[52].20

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Bordo em aba horizontal.

198 mm

alisamento e engobe/alisamento e engobe

reduzida

cinzento (2.5 YR 5/1)

44. Prato

QL2(92)A[52].3

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Bordo simples e parede ligeiramente arqueada.

168 mm

polimento e engobe/polimento e engobe

reduzida

cinzento (5 Y 5/1)

45. Prato

QL5(95)A[26].100

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Bordo espessado e parede ligeiramente arqueada.

169 mm

alisamento/alisamento

reduzida com arrefecimento oxidante

cinzento muito escuro (7.5 YR 3/0) castanho avermelhado (5 YR 5/3)

46. Prato

QL3 (93)A[52].4

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Bordo arredondado e parede arqueada.

198 mm

polimento/polimento

reduzida

castanho acinzentado (10 YR 5/2)

47. Prato

QL3(93)A[26].1

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição integral

Prato covo com bordo arredondado, parede pouco arqueada e fundo plano.

195 mm

polimento e engobe/polimento e engobe

reduzida

cinzento (5 Y 5/1)

48. Prato

QL2(92)A[52].1875

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Prato (covo?) com bordo espessado voltado para o interior e parede oblíqua.

249 mm

alisamento e polimento/alisamento

oxidante

vermelho (2.5 YR 5/6)

49. Prato

QL3(93)A[52].2

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo arredondado voltado para o interior e parede ligeiramente arqueada.

146 mm

polimento e engobe/polimento e engobe

reduzora

cinzento (5 Y 5/1)

50. Prato

QL5(95)A[52].70

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Bordo simples e parede ligeiramente arqueada.

168 mm

alisamento e aguada/alisamento

reduzora

castanho acinzentado (10 YR 5/2)

51. Prato

QL5(95)A[26].551

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo simples voltado para o interior e parede arqueada.

236 mm

polimento e engobe/alisamento

oxidante

cor-de-rosa (7.5 YR 8/4)

52. *Prato*

QL4(94)A[52].41

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Prato (covo?) com bordo ligeiramente arredondado e parede arqueada.

210 mm

alisamento/alisamento

reduzida

cinzento escuro (2.5YR 4/0)

53. *Potinho*

QL2(92)/4(94)A[52]/[117].8

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Potinho de bojo globular com bordo voltado para o exterior formando aba horizontal descolada do bojo. Apresenta vestígios de utilização no fogo.

110 mm

alisamento com vestígios de aguada/alisamento com vestígios de aguada

oxidante

castanho escuro avermelhado (5 YR 3/2)

54. *Potinho*

QL3(93)A[52].29

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição quase integral (apenas conservado o arranque de uma asa)

Potinho de bojo ovóide com bordo simples voltado para o exterior e fundo plano. Conserva restos de uma asa que arrancava directamente do bordo indo apoiar sensivelmente a meio do bojo, na área correspondente ao diâmetro máximo da peça, marcada na face externa por uma canelura paralela à linha do bordo.

123 mm

alisamento/alisamento

oxidante com arrefecimento redutor

vermelho claro (2.5 YR 6/6)

55. *Potinho*

QL1(91)A[26].21

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial. Uma asa conservada de prováveis duas.

Bordo simples oblíquo voltado para o exterior e paredes onduladas. Conserva uma asa de fita com dois ténues sulcos verticais que arranca do bordo indo apoiar sensivelmente a (meio?) do bojo. Decorado com faixas verticais paralelas, na metade superior, conseguidas por alisamento com uma pequena espátula antes da secagem. A pasta apresenta-se húmida ao toque, desfazendo-se com muita facilidade.

131 mm
alisamento e engobe/alisamento e engobe (mal conservado)
oxidante
vermelho (2.5 YR 4/6)

56. *Potinho*

QL1(91) e 2(92)A[26]/[52].16

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Potinho de bojo piriforme com bordo simples oblíquo voltado para o exterior. Conserva uma asa de fita que arranca do bordo indo apoiar na zona de diâmetro máximo da peça. Decorado com um cordão plástico paralelo à linha do bordo abaixo da ligação do colo com o bojo e traços pintados verticais paralelos no bojo emoldurados por traços horizontais (um junto ao bordo e três na zona de inflexão do bojo).

169 mm

alisamento e engobe/alisamento e engobe

oxidante

Castanho avermelhado claro (2.5 YR 6/4)

57. *Bilha*

QL1(91) e 2(92)A[26]/[52].38

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição quase integral

Bilha de bojo piriforme com bordo direito, gargalo com uma dobra da qual arranca a asa vertical com dois sulcos que vai apoiar um pouco acima da zona de diâmetro máximo da peça. Fundo formando pé ligeiramente côncavo. Decorada com faixas verticais paralelas no colo conseguidas por alisamento com pequena espátula antes da secagem e horizontais no bojo (com a mesma técnica). O bordo apresenta sinais visíveis de um desgaste intenso pelo uso.

29 mm

alisamento/alisamento

reduzida com arrefecimento oxidante.

cinzento e vermelho (5 YR 5/1 - 2,5 YR 5/6)

58. *Bilha*

QL3(93)/5(95)A[26]/[52].92

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição quase integral

Bilha de bojo globular com gargalo estreito e comprido com ligeiro espessamento na ligação com o bojo e bocal com vertedoiro. Conserva o arranque de uma asa na metade superior do bojo. Decorada com linhas incisadas formando ziguezague oblíquo na ligação do gargalo com o bojo e uma canelura na zona de diâmetro máximo da peça.

38 mm

alisamento/alisamento

oxidante
castanho acinzentado escuro (10 YR 4/2)

59. *Bilha*

QL2(92)A[52].88
Cerâmica comum
Fragmentada passível de reconstituição muito parcial
Bordo simples voltado para o exterior do qual arranca uma asa de fita. Gargalo largo.
88 mm
alisamento e vestígios de engobe/alisamento e vestígios de engobe
oxidante
castanho avermelhado (2.5 YR 5/4)

60. *Bilha*

QL2(92) e 3(93)A[26]/[52].35
Cerâmica comum
Fragmentada passível de reconstituição parcial
Bilha de bojo (piriforme?) com bordo simples ligeiramente espessado externamente voltado para o exterior e gargalo estreito formando ligeira garganta interna. Asa vertical de fita que arranca imediatamente abaixo do bordo indo apoiar no final do primeiro terço da peça.
60 mm
alisamento/alisamento
reduzida
castanho acinzentado (10YR 5/2)

61. *Bilha*

QL1(91)A[26].15
Cerâmica comum
Fragmentada passível de reconstituição quase integral
Bilha de bojo piriforme com bordo simples ligeiramente espessado externamente. Asa de fita que arranca do bordo indo apoiar no final do primeiro terço da peça.
60 mm
alisamento e engobe/alisamento e engobe
oxidante
castanho avermelhado (2.5 YR 5/4)

Referência estratigráfica. n.º de inventário

Designação

Material/Tipo

Estado de conservação

Tipologia ou descrição da forma

Decoração

Diâmetro de abertura/discus

Cor da pasta

62. Taça

QL2(92)A[52].1309

Cerâmica Terra sigillata hispânica

Fragmento de bordo orientável

Drag. 37

vermelho claro (2.5 YR 6/6)

63. Taça

QL2(92)A[52].3056

Cerâmica Terra sigillata hispânica

Fragmento isolado passível de reconstituição muito parcial

Drag. 27

vermelho claro (10 R 6/6)

64. Taça

QL5(95)A[52].3057

Cerâmica Terra sigillata hispânica

Fragmento isolado passível de reconstituição muito parcial

Drag. 37

vermelho claro (10 R 6/6)

65. Garrafa

QL3(93)A[26].483

Cerâmica Terra sigillata hispânica tardia

Fragmentada passível de reconstituição muito parcial

43 mm

vermelho claro (10 R 6/8)

66. Taça

QL3(93)A[26].90

Cerâmica Terra sigillata hispânica tardia

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Drag. 37t

Sob um só friso, que corresponde à altura média do vaso, possui motivos geométricos, que consistem em rodas segmentadas, aplicadas a compasso, preenchidas por pequenos bastões perpendiculares, entre os aros.

207 mm

amarelo avermelhado (5 YR 6/8)

67. *Taça*

QL1(91)/2(92)A[1]/[26]/[52].91

Cerâmica Terra sigillata clara D

Fragmentada passível de reconstituição quase integral

Hayes 91 B

240 mm

vermelho claro (2.5 YR 6/6)

68. *Unguentário*

QL3(93)A[26]/[52].435

Vidro

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Isings 133

30 mm

69. *Copo*

QL3(93)A[26].412

Vidro

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Isings 106

74 mm

70. *Lucerna*

QL4(94)A[52].94

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Dressel 30

45 mm

amarelo avermelhado (7.5 YR 7/6)

71. *Lucerna*

QL3(93)A[52].95

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Dressel 30
47 mm
amarelo avermelhado (7.5 YR 6/6)

72. *Lucerna*

QL5(95)A[52].1448
Cerâmica comum
Pequeno fragmento de discus com motivo decorativo com bagos incisos
amarelo avermelhado (5 YR 6/6)

73. *Cossoiro*

QL5(95)A[26].72
Cerâmica comum
Peça subcircular plana com perfuração central. Vestígios de desgaste pela passagem de fio
44 mm
castanho amarelado (10 YR 5/4)

Referência estratigráfica. n.º de inventário
Designação
Material/Tipo
Estado de conservação
Descrição
Altura total (considerando deformações); espessura [outro tipo de dimensão é indicada textualmente]

74. *Alfinete*

QL3(93)A[52].1872
Osso polido
Fragmento de alfinete com cabeça trapezoidal e secção sub-rectangular.
31 mm; 4 mm

75. *Gancho*

QL5(95)A[52].1254
Metal/ferro
Inteiro. Em corrosão
Fio dobrado formando gancho para suspensão de outros elementos.
38 mm; 6 mm

76. Argola

QL5(95)A[52].2981

Metal/ferro

Inteira. Em corrosão

Argola circular com secção quadrada.

37 mm (diâmetro): 5 mm

77. Pega

QL4(94)A[52].2986

Metal/cobre (?)

Inteira

Chapa de cobre dobrada que seria possivelmente a pega de objecto indeterminado.

42 mm; 2 mm

78. Prego

QL2(92)A[52].2937

Metal/ferro

Inteiro. Em corrosão

Prego de cabeça ovalada com secção quadrada. Ponta dobrada.

66 mm; 6 mm

79. Prego

QL2(92)A[52].2938

Metal/ferro

Inteiro. Em corrosão

Prego de cabeça troncocónica secção quadrada. Ponta dobrada.

67 mm; 4 mm

80. Prego

QL3(93)A[52].2977

Metal/ferro

Inteiro. Em corrosão

Prego de cabeça ovalada com secção quadrada na área junto à cabeça e circular na ponta. A haste encontra-se ondulada possivelmente por acção de utilização.

72 mm; 5 mm

81. Prego

QL5(95)A[52].2982

Metal/ferro

Inteiro. Em corrosão

Prego de cabeça circular achatada com secção quadrada.
35 mm; 4 mm

82. *Tacha*

QL2(92)A[52].2943

Metal/ferro

Inteiro. Em corrosão

Pequena tacha de cabeça cónica com secção quadrada.

16 mm; 3 mm

83. *Tacha*

QL2(92)A[52].2944

Metal/ferro

Inteiro. Em corrosão

Pequena tacha de cabeça cilíndrica com secção quadrada junto à cabeça e circular na ponta que se encontra dobrada.

13 mm; 2 mm

N.º Catálogo. Designação
Referência estratigráfica. n.º de inventário
Material/Tipo
Estado de conservação
Cronologia
Imperador
Ceca
Anverso
Reverso
Módulo; Peso; Eixo
Observações

84. *Moeda (AE)*

QL2(92)A[26].440

Metal/bronze

Regular

337-340

Constantino II

Indeterminada

CONSTANTI-[nu]S MAX A[ug]; busto para a direita, com diadema de rosetas, drapeado e couraçado

[g]LOR - [ia exerc-itus]; dois soldados armados; entre eles um estandarte.

Marca: — — —

[....]

14, 3 mm; 1, 50 g; 11 h

Imitação (?)

85. *Moeda (AE 3)*

QL2(92)A[52].445

Metal/bronze

Fraturada no bordo

353-358

Constancio II

Med. Oriental (Cízico)

[dn constan] - TIVS PF A[ug]; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapeado e couraçado. FEL TEMP - [reparatio]; soldado ataca cavaleiro que cai do cavalo; cavaleiro volta a face para soldado e estende o braço direito.

Marca: */

SM[K?]

15, 2 - 16, 5 mm; 1, 72 g; 12 h

86. *Moeda (AE 4)*

QL5(95)A.[52].449

metal/bronze

Mau

século IV (2.^a metade - finais)

Indeterminado

Indeterminada

Ilegível; busto para a direita (...)

Ilegível; tipo indeterminado

12,5 mm; 1,32g; ?

Atendendo às pequenas dimensões do busto representado no anverso, a moeda data seguramente da 2.^a metade do século IV, provavelmente de finais deste século.

87. *Moeda (follis)*

QL5(95)A[52].457

Metal/bronze

Regular

347-348

Constante

Indeterminada

CONSTAN-S PF AVG; busto para a direita, com diadema de rosetas, drapeado e couraçado. [VI]CTORIAE DD AVGGQ NN; duas Vitórias segurando coroa e palma.

Marca: ---

[....]

14,2 - 15,2 mm; 1,54 g; 12 h

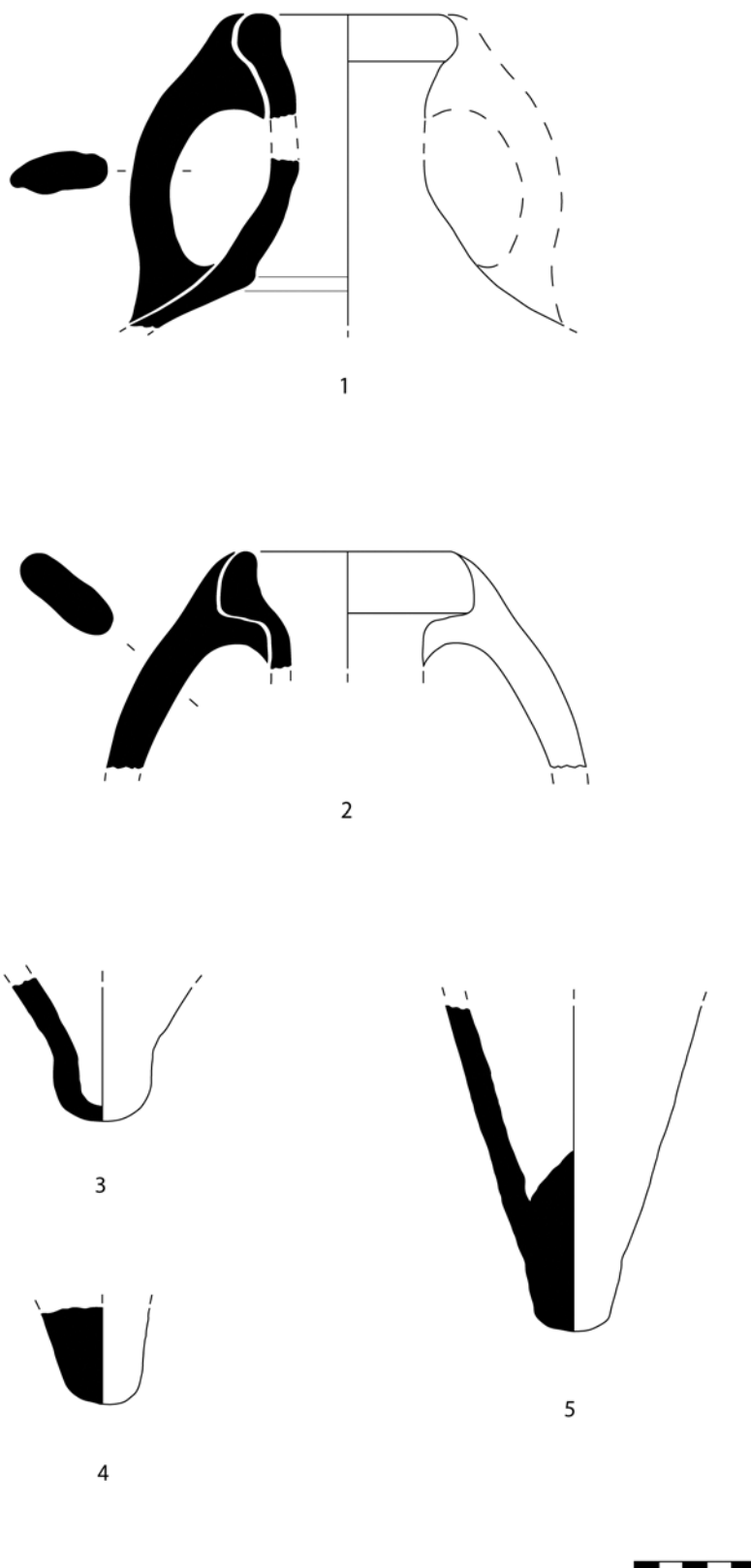


Fig. 14

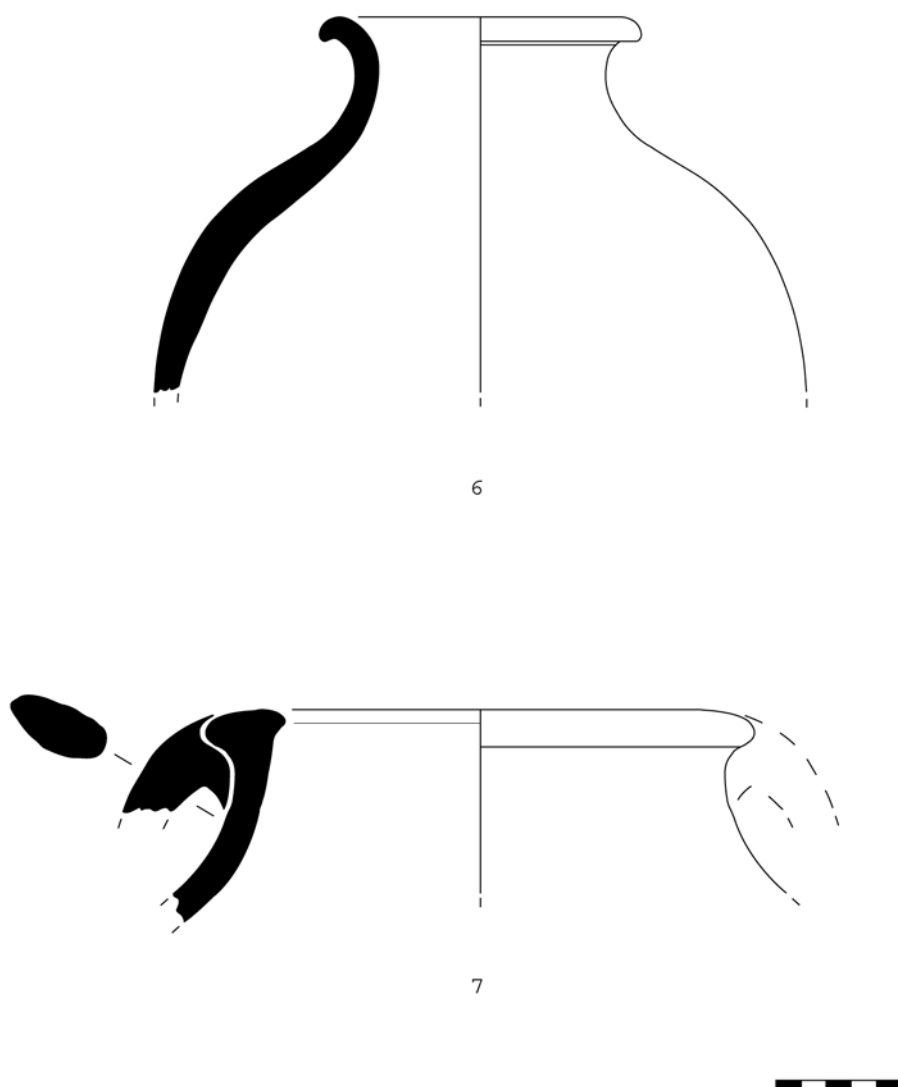


Fig. 15

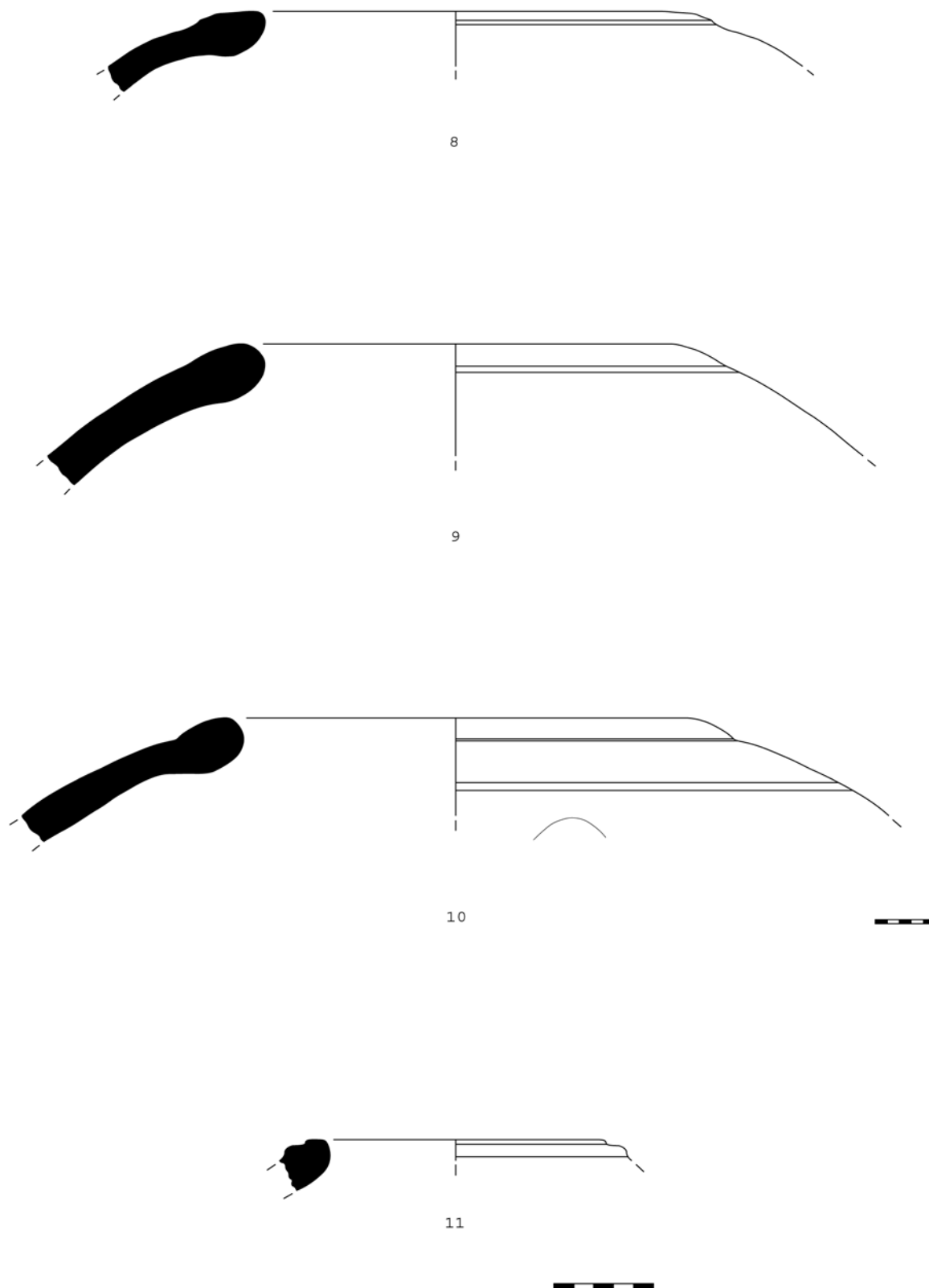


Fig. 16

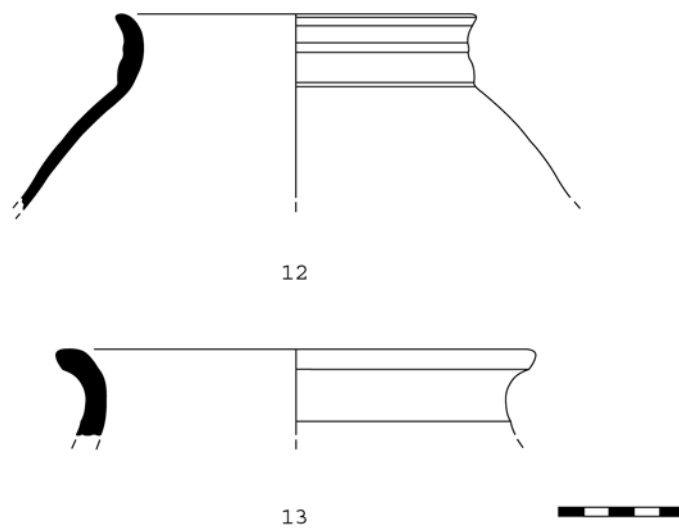


Fig. 17

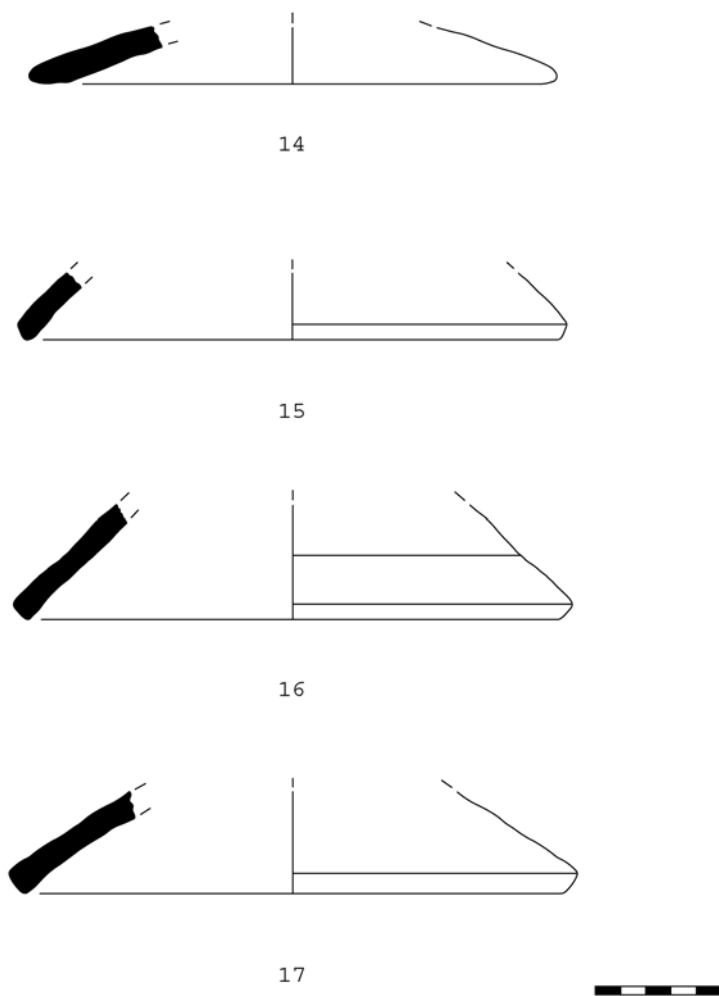


Fig. 18

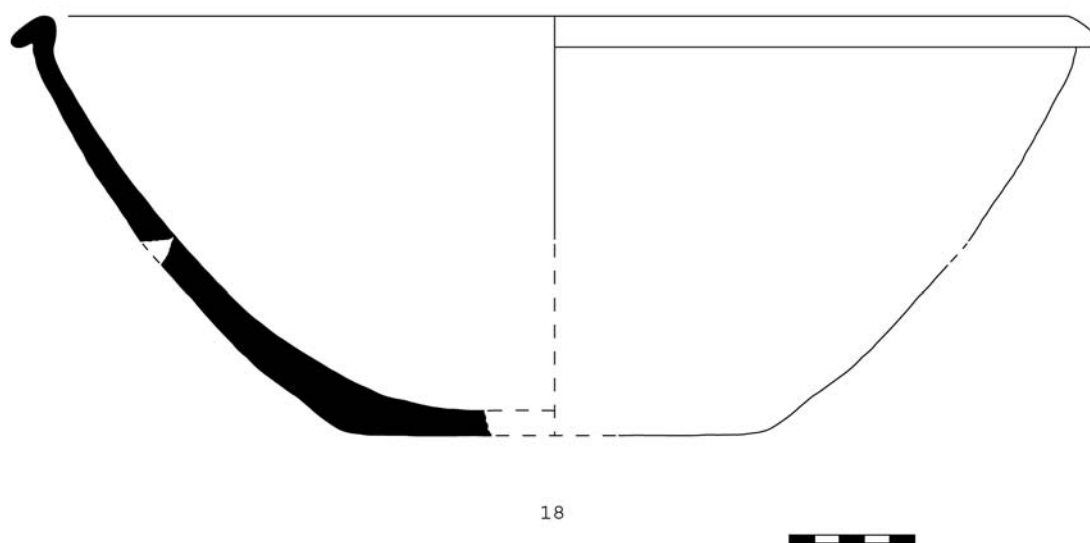


Fig. 19

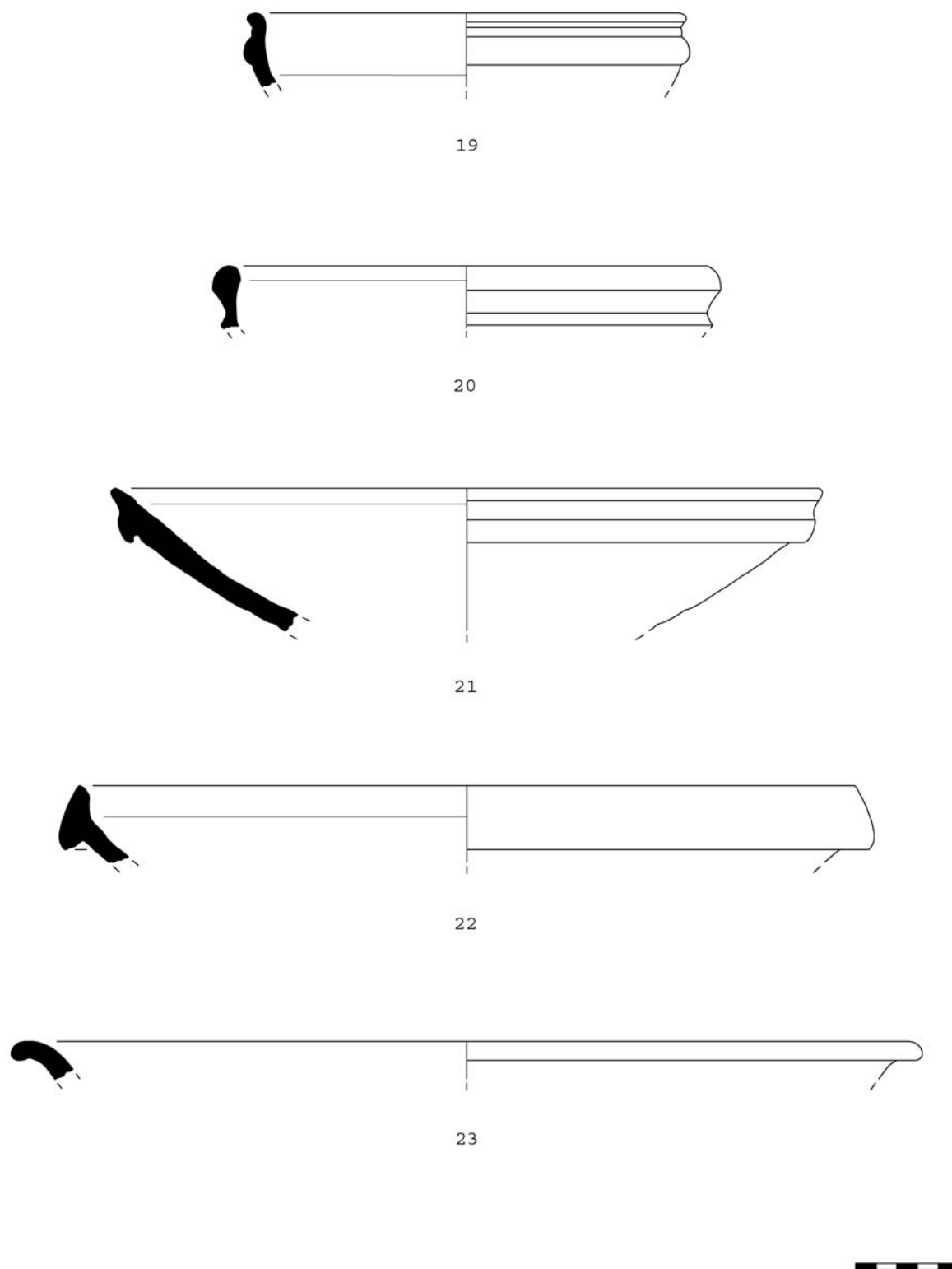


Fig. 20

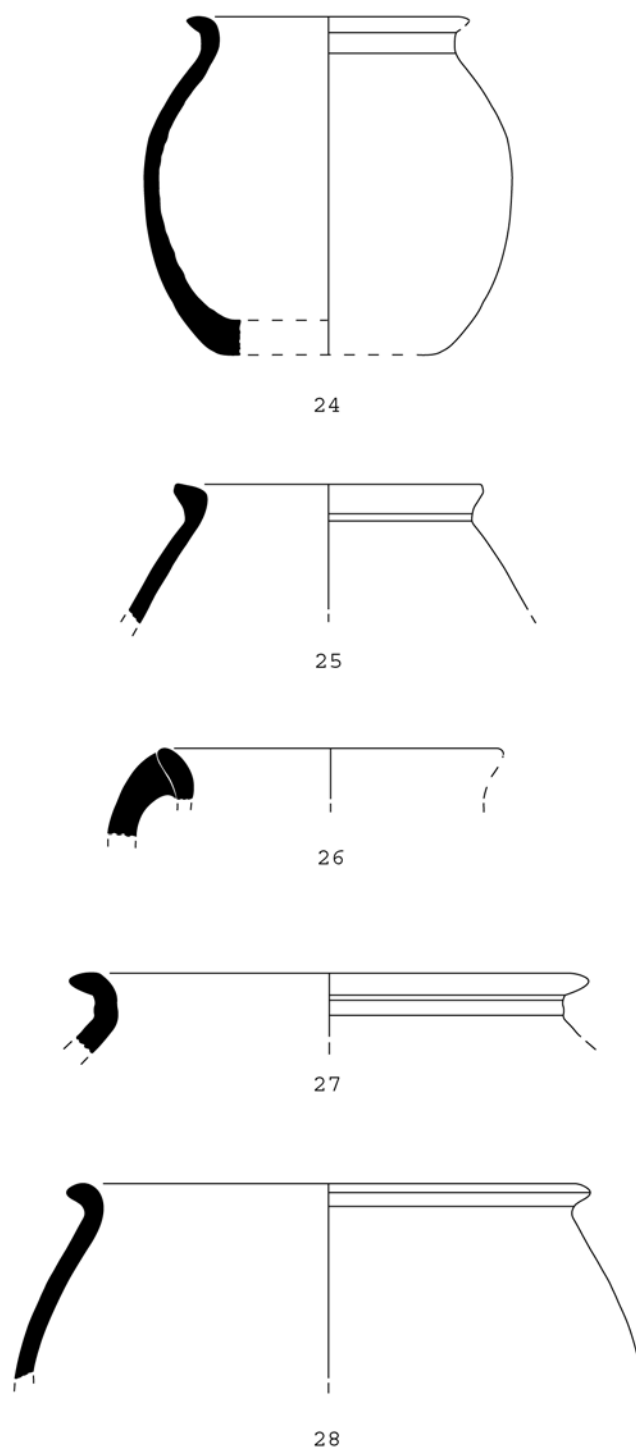
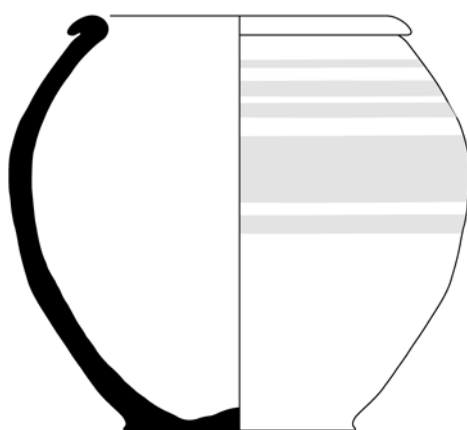


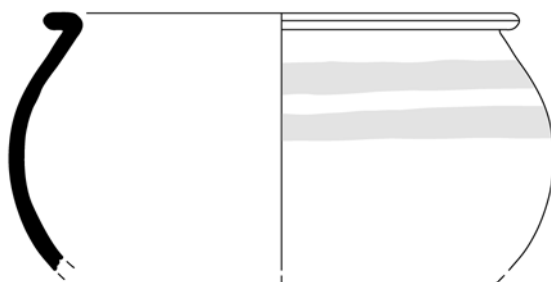
Fig. 21



29



30



31



Fig. 22

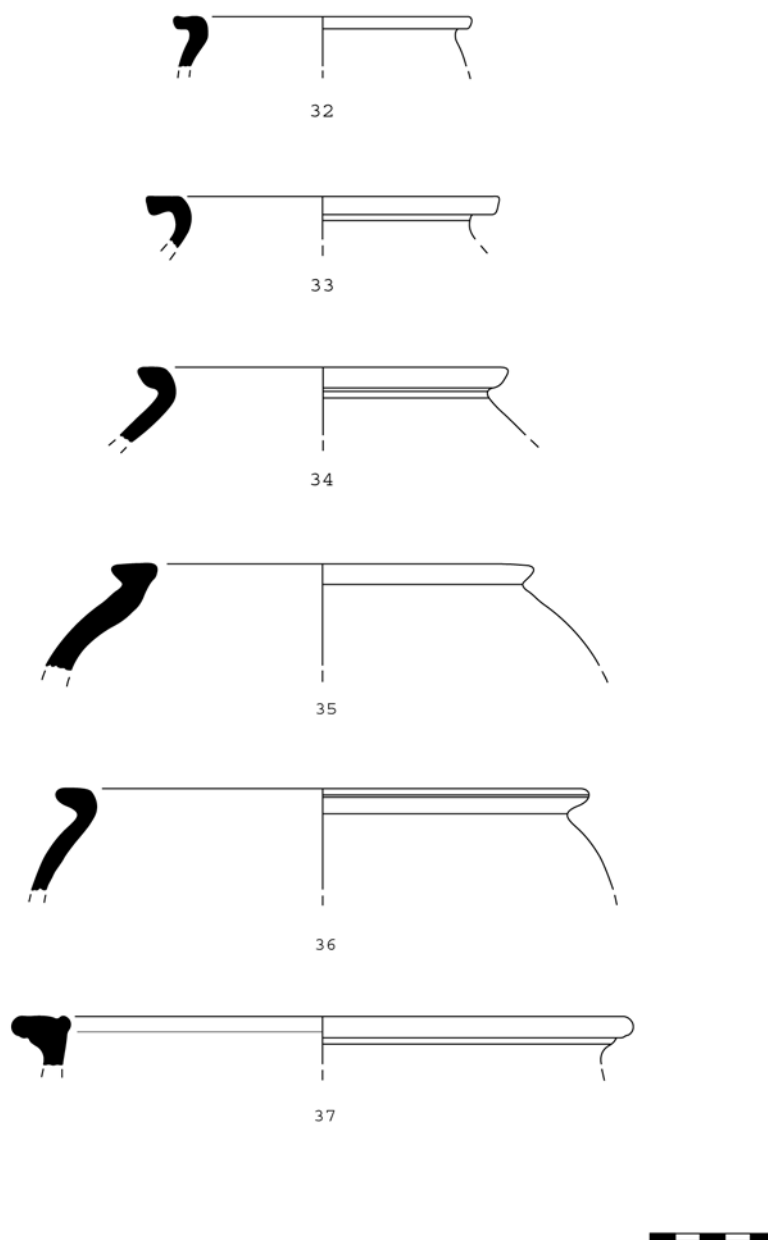


Fig. 23

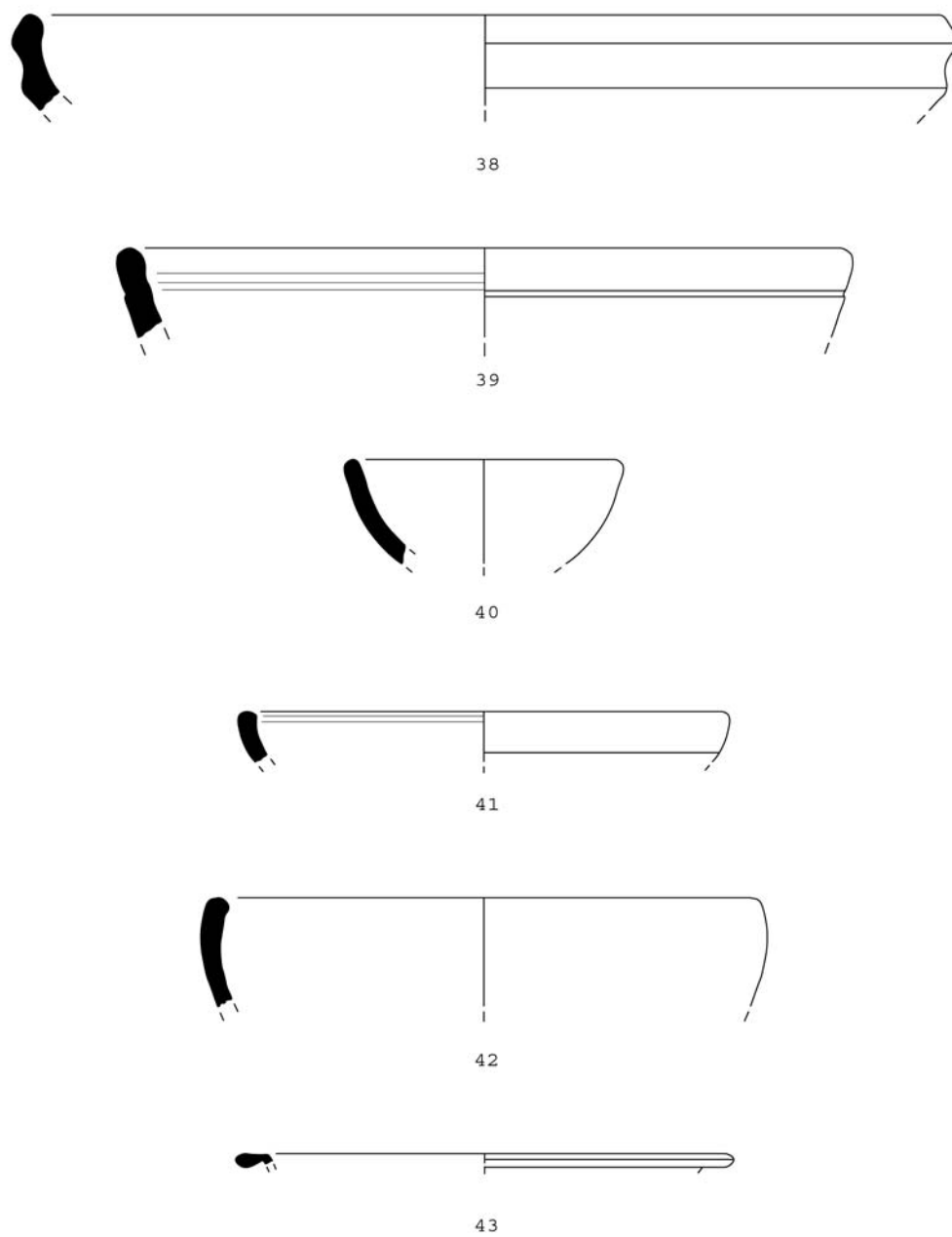


Fig. 24

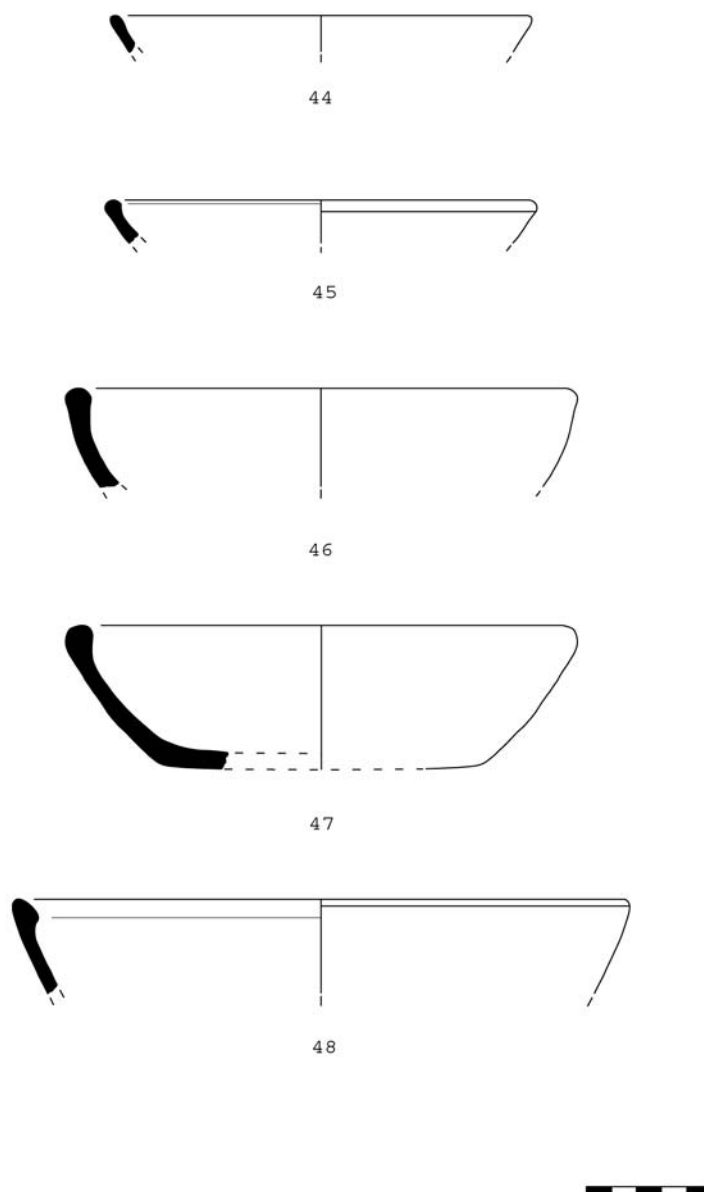


Fig. 25

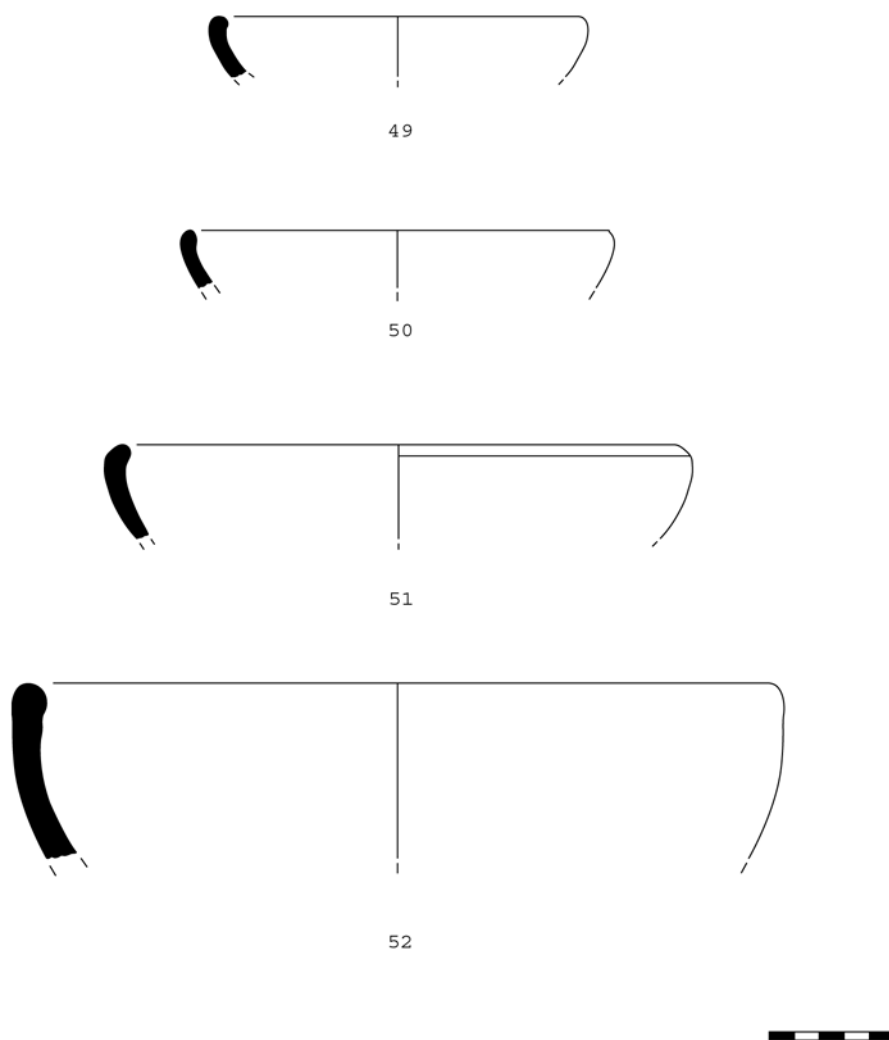


Fig. 26

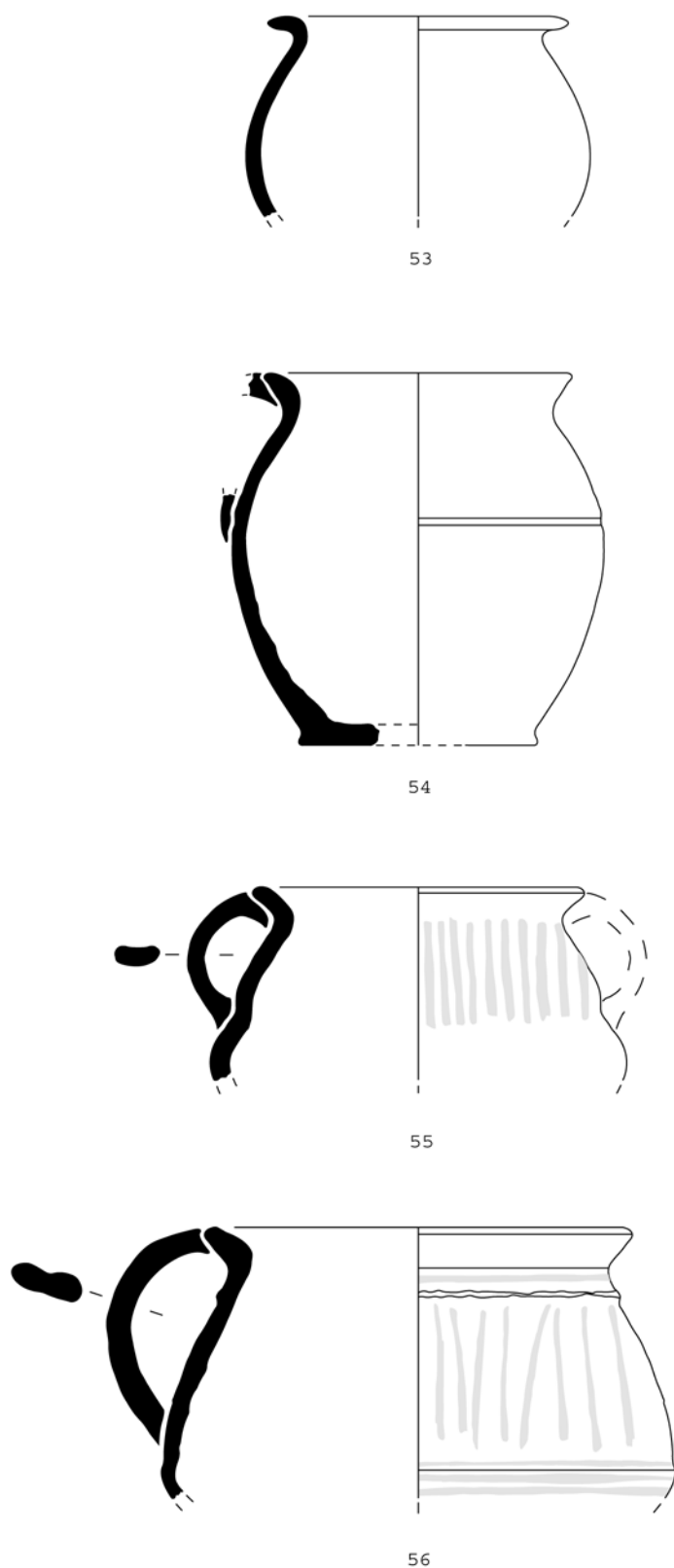
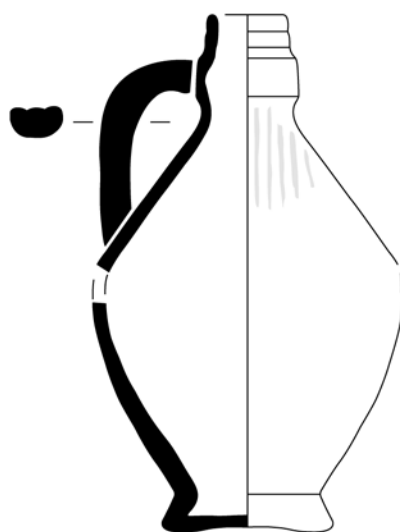


Fig. 27



57



58



Fig. 28

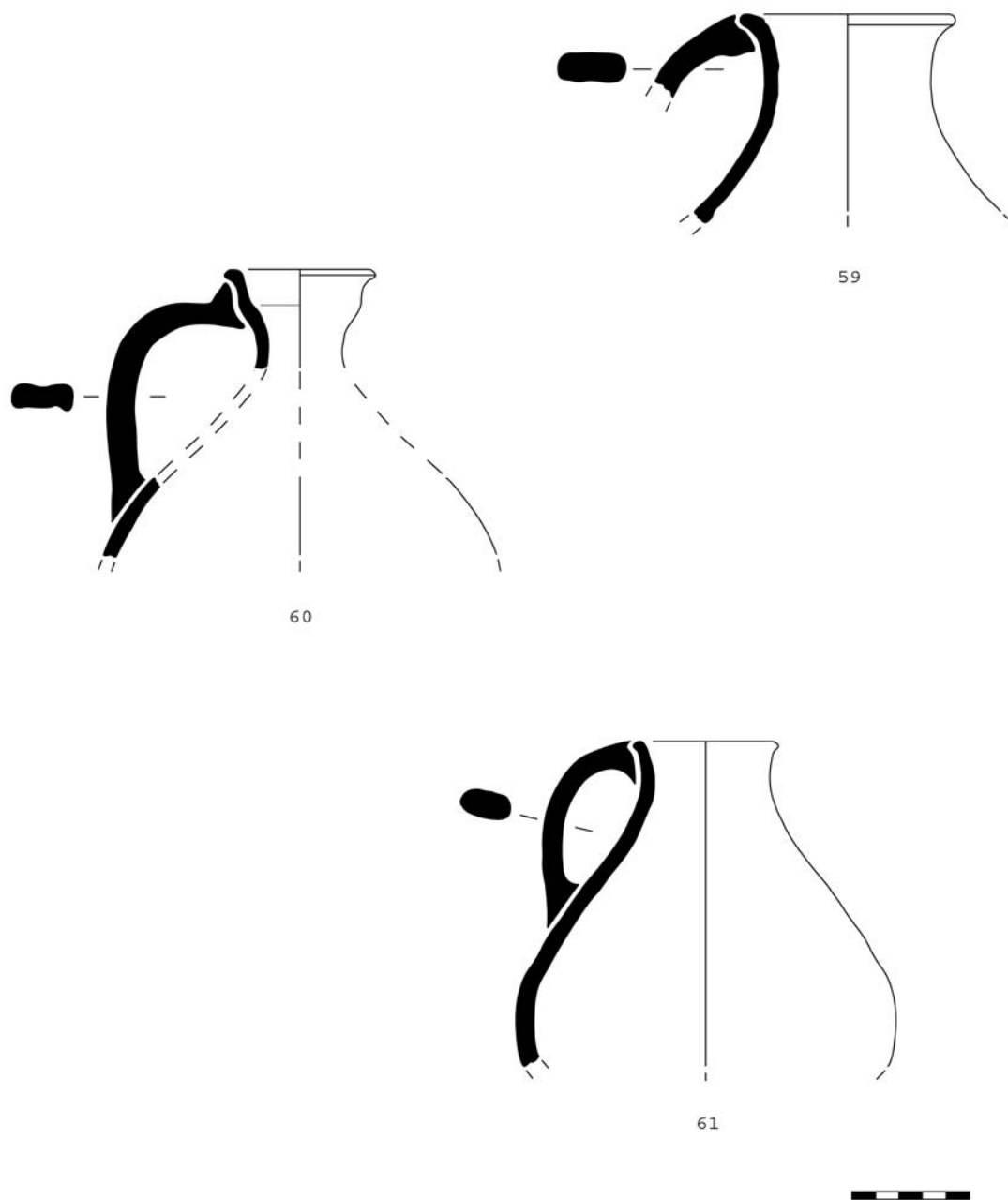


Fig. 29

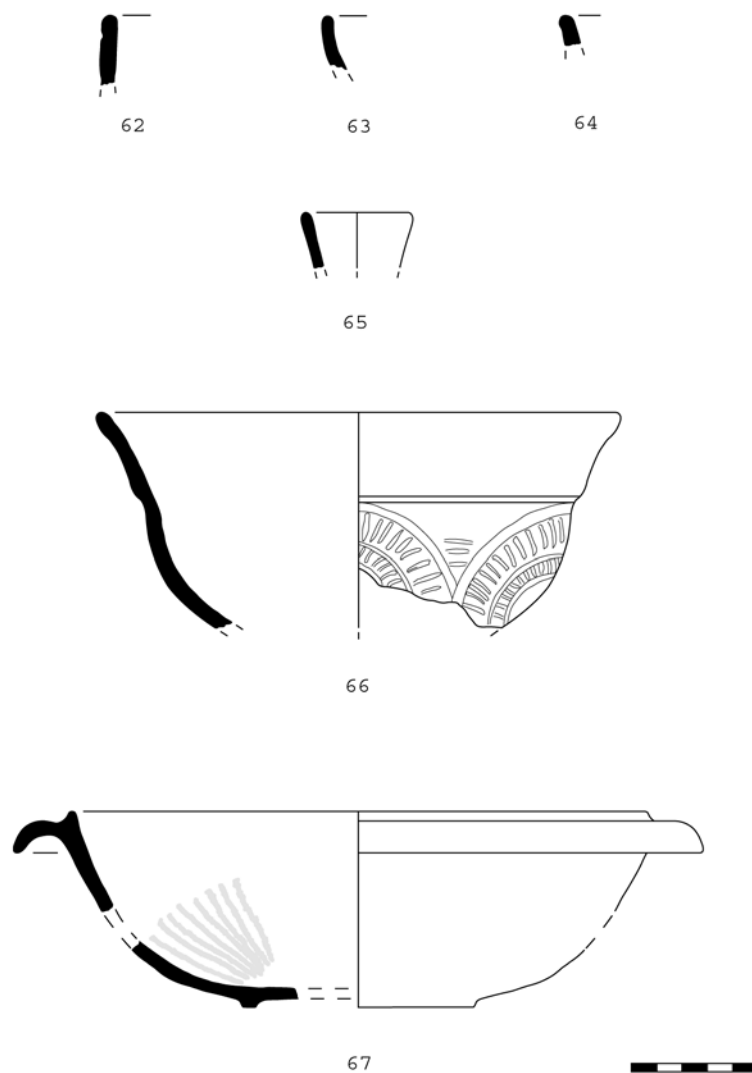


Fig. 30

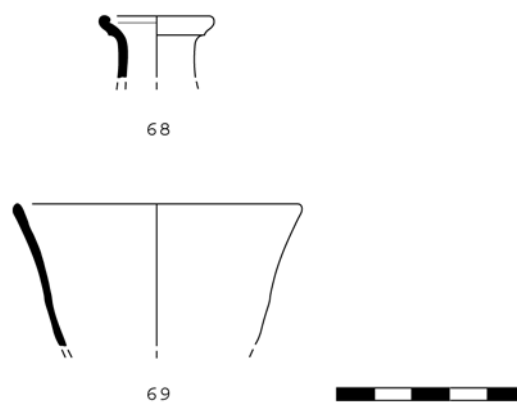


Fig. 31

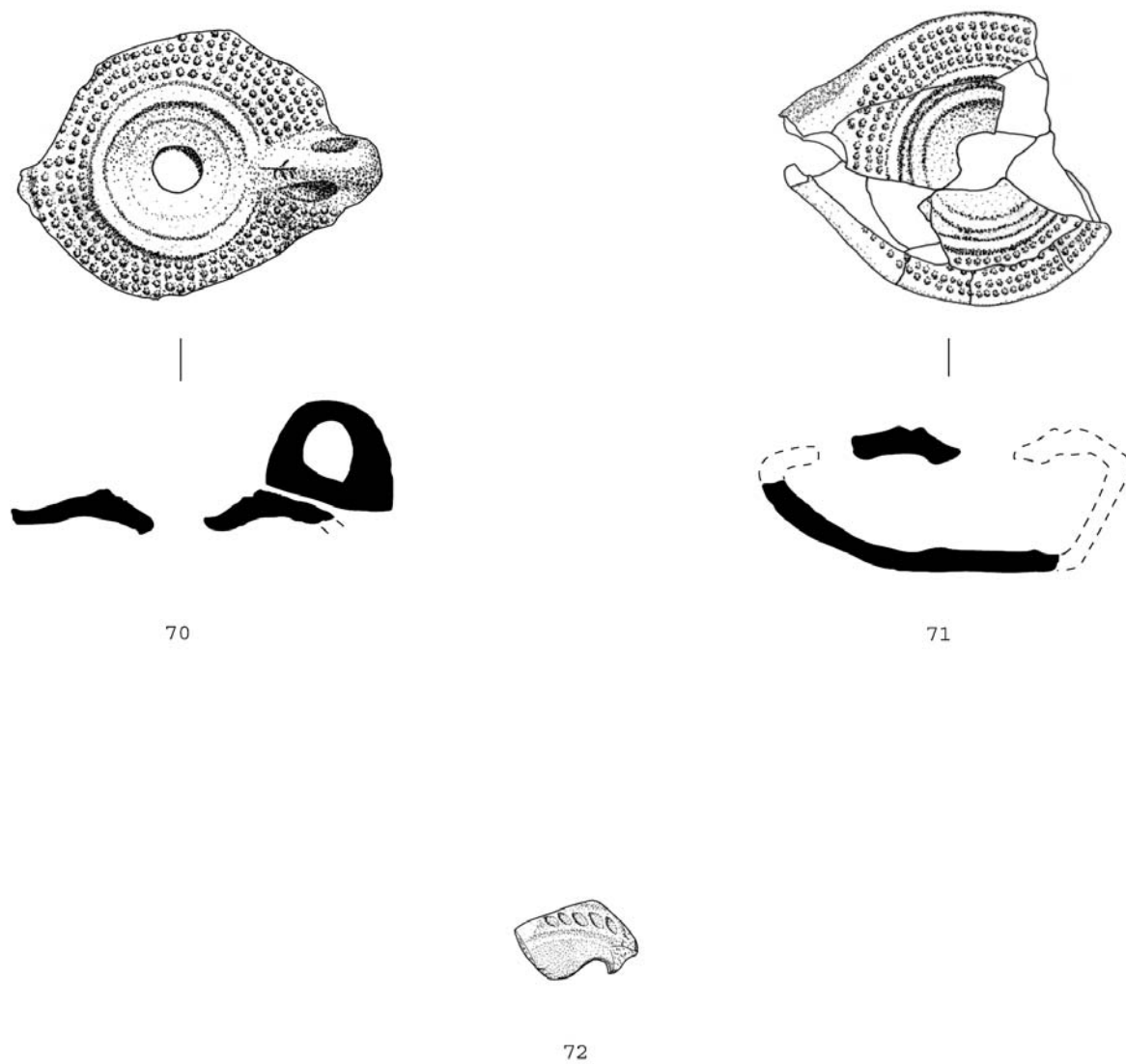


Fig. 32

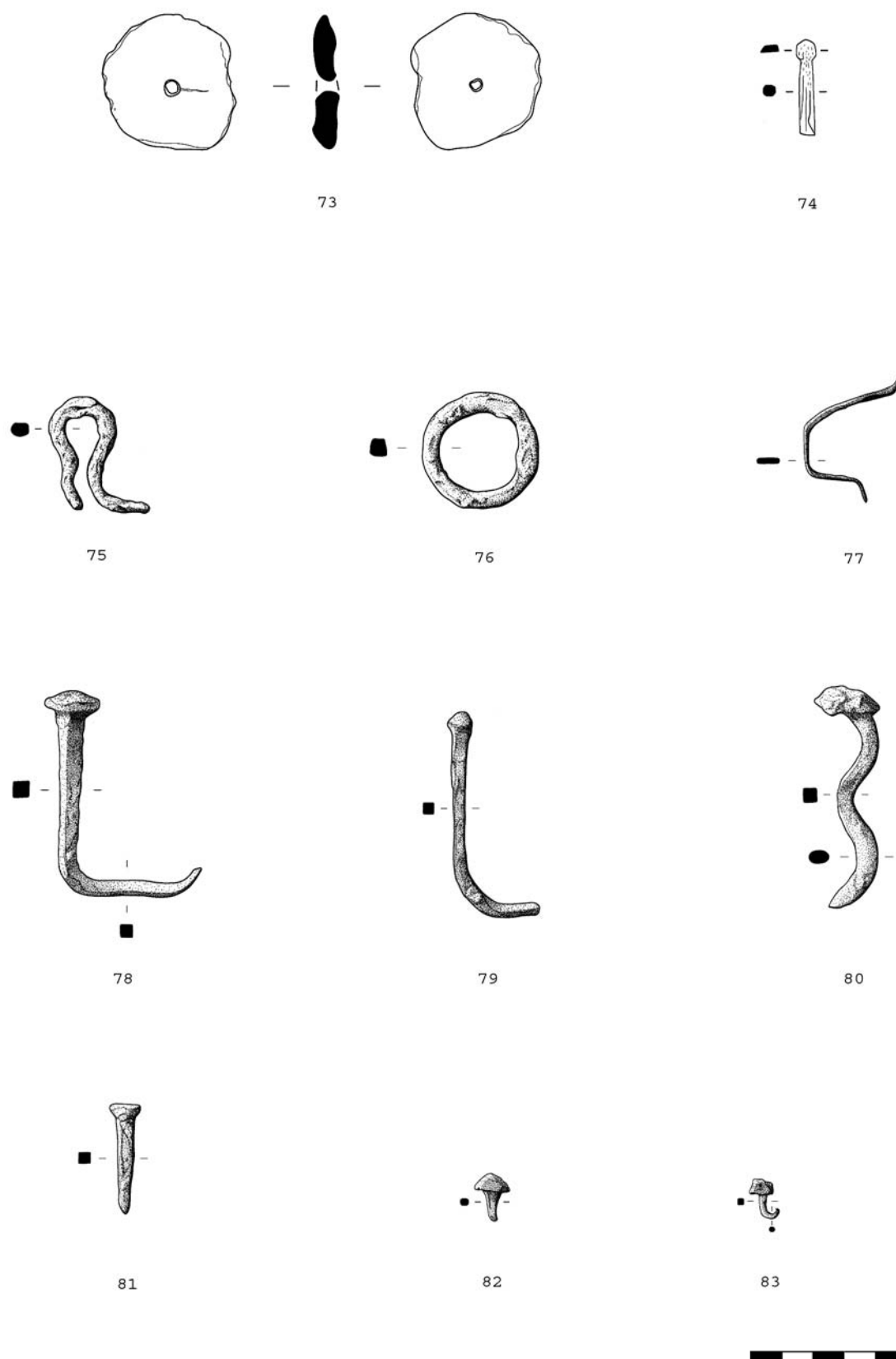


Fig. 33